

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO
CORAÇÃO**

LARISSA APARECIDA RAMOS

**O ANTIFEMINISMO COMO PAUTA
POLÍTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

BAURU

2021

LARISSA APARECIDA RAMOS

**O ANTIFEMINISMO COMO PAUTA
POLÍTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Monografia de PIBIV, vinculada ao Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária, apresentada por Larissa Aparecida Ramos à Coordenadoria Geral de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO - Bauru/SP.

Orientação: Prof.^a Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa.

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

R175a	<p>Ramos, Larissa Aparecida</p> <p>O antifeminismo como pauta política no Brasil Contemporâneo / Larissa Aparecida Ramos. -- 2021. 65f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Antifeminismo. 2. Feminismo. 3. Brasil Contemporâneo. 4. Discursos. I. Feitosa, Lourdes Madalena Gazarini Conde. II. Ramos, Larissa Aparecida. III. Título.</p>
-------	--

Aos meus pais, pelas condições que me possibilitaram dedicar-me a essa pesquisa, e a um professor, amigo e sempre orientador, Renato Denadai. Essa pesquisa não seria possível sem seus conselhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Professora Dr^a Lourdes M. G. C. Feitosa, por todo apoio, paciência e auxílio nesta pesquisa. Aos meus pais, por me oferecerem condições necessárias para me dedicar a esse trabalho. Ao meu colega, orientador e professor Renato Denadai, e a todos os meus amigos que me auxiliaram nos melhores e piores momentos.

RESUMO DA PESQUISA FINALIZADA

Esta investigação teve por finalidade a análise de discursos e conceitos quanto à temática antifeminista no Brasil, a qual, nos últimos anos, se tornou amplamente divulgada em perfis das redes sociais (*Instagram, Facebook e Youtube*), entre fevereiro a agosto de 2021, pela Deputada Federal Ana Caroline Campagnolo e também pela ativista pró-vida Sara Winter, grandes expoentes do movimento no Brasil. Destaca-se, também uma breve análise do livro *Feminismo: Perversão e Subversão*, de autoria de Campagnolo e dois de seus cursos, inseridos no Clube Campagnolo. Quanto ao antifeminismo, o mesmo se tornou uma pauta por tratar do “papel” da mulher na sociedade brasileira contemporânea, que agora, de acordo com membros do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019), é descrita como conservadora e baseada em uma leitura da moral judaico-cristã, cuja família tende a ser descrita como aquela formada por casal heteronormativo, com a supervalorização da atuação reservada, doméstica e materna da mulher, cabendo-lhe ser coadjuvante na vida social. Além disso, em busca de uma melhor análise destas retóricas, também foi utilizado uma bibliografia de estudiosas sobre o feminismo no Brasil, fazendo com que a oposição de ideias pudesse estabelecer um contraponto às concepções sobre o feminismo expressas pelas autoras citadas. Para tanto, foi empregado o método de abordagem quali-quantitativo, em que através de uma revisão bibliográfica, acadêmica, jornalística e midiática, pode-se chegar a uma melhor análise do tema em questão. Em suma, esta investigação procurou mapear e compreender as propostas dos discursos autodenominados como antifeministas e suas concepções sobre o feminismo, ampliar as discussões sobre a história das mulheres e os embates postos nos campos de ideias, das práticas sociais, das ações governamentais e das relações de poder, e contribuir para os futuros estudos a respeito do tema.

Palavras-chave: Antifeminismo. Feminismo. Brasil Contemporâneo. Discursos.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the discourses and concepts regarding the anti-feminist theme in Brazil, which, in recent years, has become widely disseminated in social network profiles (Instagram, Facebook and Youtube), between February and August 2021, by Federal Deputy Ana Caroline Campagnolo and also by pro-life activist Sara Winter, great exponents of the movement in Brazil. A brief analysis of the book *Feminism: Perversion and Subversion*, authored by Campagnolo, and two of her courses, inserted in the Campagnolo Club, are also highlighted. As for antifeminism, it has become an agenda for dealing with the "role" of women in contemporary Brazilian society, which now, according to members of the government of Jair Messias Bolsonaro (2019), is described as conservative and based on a reading of Judeo-Christian morality, whose family tends to be described as that formed by heteronormative couple, with the overvaluation of the reserved, domestic, and maternal role of women, fitting her to be a coadjuvant in social life. Moreover, in search of a better analysis of these rhetorics, a bibliography of scholars on feminism in Brazil was also used, so that the opposition of ideas could establish a counterpoint to the conceptions about feminism expressed by the authors cited. To do so, the quali-quantitative approach method was employed, in which through a bibliographical, academic, journalistic, and media review, one can reach a better analysis of the theme in question. In short, this investigation sought to map and understand the proposals of the discourses self-designated as antifeminist and their conceptions of feminism, to broaden the discussions on women's history and the clashes posed in the fields of ideas, social practices, governmental actions and power relations, and to contribute to future studies on the subject.

Keywords: Antifeminism. Feminism. Contemporary Brazil. Discourses.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA	5
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
DOCUMENTOS DIGITAIS	56
REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

É impossível falar sobre uma história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer, “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas depende muito do poder. O poder é uma habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.

ADICHE, Chimanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 2009. p.11.

Desde a eleição do 38º presidente da República, sr. Jair Messias Bolsonaro (2019), o cenário político contemporâneo brasileiro presencia uma mudança ideológica significativa quando relacionado ao governo anterior – o Partido dos Trabalhadores (PT) –, e uma das maneiras de caracterizá-lo refere-se a um dito conservadorismo nos costumes e sua filiação ideológica às ideias do influenciador digital, jornalista e astrólogo Olavo de Carvalho¹, que resultou na proliferação e em destaque significativo de diversos grupos de direita moderada e radical desde então.

Neste processo, há de se destacar, com notoriedade, a temática *antifeminista* como uma parte fundamental no plano de governo, visto que uma de suas principais representantes, a Deputada Estadual de Santa Catarina Ana Caroline Campagnolo, autora do livro *Feminismo: Perversão e Subversão* (2019), além de ser figura atuante nas redes sociais, também participa de círculos políticos próximos, se não juntos, ao Presidente, até mesmo fazendo parte, como ele, de documentários realizados pela produtora *Brasil Paralelo* (2016). Para ela, “[...] quando os conservadores dizem que as mulheres devem cumprir sua função no lar e na sociedade como esposas e mães, é considerando que essa é sim a vocação da maioria das mulheres que estão sendo ludibriadas [...] pelos coletivos feministas.” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 310).

No entanto, não é surpreendente que *revisionismos* como este sejam aceitos tão facilmente por determinadas camadas da sociedade brasileira e Rita Terezinha Schmidt, já em 2006, evidencia as diversas críticas oriunda das elites ao *politicamente correto* defendido pelo feminismo, transfiguram-no como uma associação vinculada à cultura estrangeira, ao próprio desenvolvimento econômico e à sua organização social. Deste

¹ Daí derivou-se a expressão *bolsolavista*, termo informal utilizado para designar a política de Jair Messias Bolsonaro aliada aos conselhos de Olavo de Carvalho.

modo, o pensamento feminista estaria consolidado em um pensamento patriarcal e senhorial, satisfazendo sistematicamente o ideal de uma parte da classe dominante. Assim, segundo a autora,

É no horizonte dessa lógica histórica [...] que se pode compreender a força institucional do conceito de família patriarcal, uma forma de organização de poder, estruturada hierarquicamente, [...] que veio a se tornar modelo para as relações tanto na esfera privada quanto na pública. No centro desse modelo, descrito por Roberto Reis como três círculos concêntricos, está “o senhor de terras (prevalência de uma ordem senhorial), que acumula papéis de pai (prevalência de uma ordem patriarcal) e de homem (prevalência de uma ordem masculina”. (SCHMIDT, 2006, p.773).

Deste modo, um aspecto deveras importante para melhor compreensão sobre o antifeminismo é a sua definição e formação histórica. Uma das primeiras pensadoras a analisar o tema é Maria Bernadete Flores, na obra *O Pensamento Feminista, a quarela dos sexos*. Segundo Perrot (2004), citada por Flores, a partir dos séculos XIX e XX a tentativa de filósofos, sociólogos, médicos, entre outros, de limitarem a emancipação feminina através de argumentos de ordem biológica e psicológica, ou sociológica e política, estimulou o surgimento do antifeminismo. Entretanto, “[...] distinto da misoginia, que utiliza recursos e representações, o antifeminismo, mais racional e articulado, opera *pari passu* com o feminismo, na medida em que se propõe a ser antídoto às “trágicas” consequências morais da luta das mulheres”. (FLORES, 2004, p. 228).

Ao traçar um panorama acerca da história da oposição à emancipação das mulheres, Flores destaca, primeiro, a orientação de alguns campos do saber com relação à identidade masculina entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, “[...] tanto nos regimes totalitários, antifeministas por excelência, como nas democracias, a mobilização dos sexos numa estrita e tradicional subordinação instituiu a mulher como a mãe geradora da prole perfeita para a nação. [...]” (FLORES, 2004, p. 228). Para além, quanto a esse contra-ataque feminista, para Maria Helena Santana Cruz (2015, p. 38) “o conhecimento, tal como o fruto proibido por deus no paraíso, abria o mundo às mulheres, mas fechava-lhes o céu; [...] acarretava a degradação moral das mulheres.” Ao utilizar-se da matéria do campo da religião, a autora também destaca o aumento do culto à Maria e à polaridade Adão e Eva dentre os movimentos católicos, como outrora visualizados no período da Baixa Idade Média, como retrata o medievalista Georges Duby (2014),

E o pecado? Os tormentos prometidos aos lascivos? Para os medrosos, os que envelhecem ou que se curvam sob o jugo de seu confessor, o refúgio está na devoção. Dirigir o desejo para outra parte, para imagens, para outras damas cujas ternuras concedidas do além, mostram-se inofensivas, benéficas. De todas, a mais atraente é Nossa Senhora. Em expansão desde a época carolíngia, seu culto inundou a cristandade como uma torrente desde o fim do século XI, desde que santo Anselmo viu na Mãe de Deus a nova Eva, a anti-Eva. EVA, AVE: reviravolta. (DUBY, 2014, p. 376)

Aderindo às violentas críticas a temas como o declínio do protestantismo alemão, de conotação masculina, em contraposição ao catolicismo, feminino, à ligação entre judeu ou eslavo e à feminização generalizada, o filósofo Weininger (apud FLORES, 2004, p.237), causou um determinado “furor” no pensamento misógino de seu tempo. A obra do autor, além de caracterizar a mulher como submissa, assim como todas as outras criaturas irracionais da natureza e refém do sexo, foi “amplamente citada para fundamentar a desigualdade dos sexos, a inferioridade da mulher e a denúncia da feminização da cultura como causadora das crises dos valores ocidentais. [...]”.

No *Livro do Feminismo*², no capítulo intitulado *Quando você expõe um problema, você cria o problema*, apresenta-se uma breve consideração quanto às estigmatizações que são geralmente relacionadas àquelas que se identificam como feministas, “como pessoas irracionalmente irritadas, sem senso de humor [...], que só são atraídas para o feminismo por serem infelizes. [...] Para as mulheres não brancas, há a combinação de sexismo e racismo, resultando em estereótipos humilhantes [...]” (O LIVRO, 2018, p. 314). E assim, argumenta-se que isso não seria uma novidade para as feministas atuais, já que nos séculos XIX e XX, detratores de sufragistas as acusavam de serem feias, “masculinizadas”, e em relação às lésbicas, como agressivas que odiavam os homens. No capítulo “*A reação antifeminista começou*”, é mencionado que em 1992 Rush Limbaugh, comentarista político de direita e apresentador de um programa de entrevistas de rádio nos Estados Unidos, populariza o termo “feminazi” para acusar feministas de serem extremistas fora de controle. (O LIVRO, 2018.)

Já no decorrer da metade do século XX, tendo como referência o cenário norte-americano, mais próximo ao Brasil, observa-se que no contexto em que a Emenda dos Direitos Iguais (ERA) é aprovada no Congresso (1972), ocorre uma reação antifeminista contrária à sua ratificação e o ataque ao aborto legal como um direito das mulheres. Vale

² O Livro do Feminismo não possui editores, mas apresenta uma compilação de textos de colaboradores diversos, realizado pela editora Globo Livros.

ressaltar o primeiro protesto antissufragista, ocorrido em Massachussets em 1868, como reatividade das mulheres conservadoras e a criação da associação NAOWS (*National Association Opposed to Woman Suffrage*), em 1911, liderada por Josephine Dodge.

Ainda em *O Livro do Feminismo (2018)*, no capítulo denominado *O Pós-Feminismo e a Terceira Onda*, é mencionado a emergência de um novo conservacionismo ocorrido tanto nos EUA como no Reino Unido entre os anos de 1980 e 1990, com destaque às políticas governamentais e sociais da primeira-ministra Margaret Thatcher (1979-1990), bem como do presidente americano Ronald Reagan, declarado opositor à igualdade para gays e lésbicas. Ademais, destaca-se no cenário americano a organização da Maioridade Moral, que fundada pelo ministro batista Jerry Falwell em 1979, “mobilizou cristãos evangélicos em uma coalizão pelos “valores familiares”, que se opunham ao feminismo, à escolha reprodutiva e aos direitos LGBT. [...]” (O LIVRO, 2019, p. 254).

Susan Faludi (1991), em *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, já na década de 90 apontava no cenário americano, para a forte tentativa midiática de culpabilizar o feminismo pelas supostas “mazelas” da sociedade, propagando mitos como a “escassez dos homens”, o “ventre seco”, e a insatisfação feminina no trabalho, estimulando que também alguns grupos reacionários aderissem a esse movimento. No mesmo período, mas em solo brasileiro, a estadunidense Camille Plagia recebe destaque na mídia brasileira, como a exemplo do jornal *A Folha de São Paulo*, ao defender uma reforma feminista e os homens como uma nova minoria oprimida. Assim, para Zimberg, importar Camille Plaglia para ridicularizar o feminismo teve efeitos duradouros na memória brasileira, tanto que ainda pode ser vista como uma das referências sobre o tema, mesmo o ridicularizando. (ZIMBERG, apud SCHMIDT, 2006).

Situação não nova no Brasil. O estudo de Raquel Soihet nos *Jornal das Moças, publicado entre os anos de 1914 a 1965*, e *O Pasquim, de 1969 a 1991*, enfatiza que “o uso da sátira ideológica, de caráter moralizante e hierarquizante mostrou-se conveniente às elites burguesas quando queriam tratar da ridicularização da luta pela desconstrução dos papéis de gênero e da sexualidade feminina.” (SOIETH apud ZIMBERG, 2016, p. 44).

Ainda nas primeiras décadas do regime republicano, segundo Elias Thomé Saliba em *A dimensão cômica da vida privada na República*, as distinções entre o público e o privado eram praticamente indefinidas, e para além, o sentimento patriótico dissipado pelo Estado tampouco parecia possuir um aparato ideológico necessário para nutrir a

sociedade brasileira. Restava, segundo o autor, por meio do apelo cômico, algumas considerações acerca de tais mudanças na vida cotidiana, pois, o apelo cômico parecia compensar tais distanciamentos que poderiam ser caracterizados como o traço mais específico daquela sociedade brasileira ainda em construção. (SALIBA, 1999).

Ademais, ainda segundo Saliba, é com o governo de Vargas que esse Estado brasileiro irá desenvolver esse impulso de deslocamento, recriação e criação de identidades. As funções do masculino e feminino propagadas em revistas e jornais da época e “a imagem de mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa.” (MALUF e MOTT, 1999 p. 374). As autoras destacam que,

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matrizes reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. “A mulher que é, em tudo, ao contrário do homem” foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa. (MALUF, MOTT, 1999 p.373)

No entanto, ao invés do *globalismo* ou de políticas identitárias como causadores da desarmonia do lar como hoje é apresentado, havia na época um ressentimento em relação à modernidade, “o menor sinal de flexibilização na divisão sexual das funções no interior da família era repercutido pelos conservadores e reformistas como uma ameaçadora vaga modernizante.” (MALUF, MOTT, 1999, p.385). É interessante observar como a atribuição de um papel doméstico à mulher, a ser vivenciado em um modelo legítimo de família, alicerçado em pressupostos morais e religiosos, prolifera-se quase da mesma maneira em diferentes épocas no interior das elites que o absorve para si – já que a realidade do país era e ainda é diversa e grande parte das mulheres precisa trabalhar para o seu sustento e o da família. No entanto, destacam as autoras que os comportamentos mais fiscalizados e submetidos a medida prescritivas naquela época foram, justamente, as camadas mais baixas da população, compostas por operários, imigrantes, mulheres pobres, mulheres sós, negros e mulatos (MALUF, MOTT, 1999).

A partir desta perspectiva histórica, observa-se que tais ideias estavam presentes

ao longo do século XX e em anos mais recentes circularam reportagens como a da revista *Isto É*, de 2016, intitulada *O movimento das anti-feministas, que anuncia a criação da comunidade Mulheres contra o Feminismo*, por Léia Sampaio. Do mesmo período, não há quem não se recorde da publicação da *Veja* acerca da primeira dama Marcela Temer chamada *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*, elogiando as possíveis qualidades feminis advindas dela, tais como os vestidos no joelho, sua vontade de ter mais um filho e a descrição de seus aparecimentos em meio às câmeras.

No início de 2017, Ana Caroline Campagnolo ganha destaque no noticiário do UOL³ por meio da manchete *Professora de história antifeminista processa orientadora por perseguição*, que destaca os seus vídeos sobre a questão antifeminista, as críticas ao movimento e a sua relação com o Escola sem Partido. No dia 7 de novembro deste mesmo ano ocorre a passagem da filósofa feminista Judith Butler em São Paulo, que foi alvo de protestos⁴ a favor e contra os seus ideais. O grupo que mais chamou atenção denominava-se Ativistas Independentes, que, com placas e gritos contra a americana, acabou por denominá-la de “assassina de criança” e “destruidora de família”. Nas fotos do protesto contra o seminário "Os Fins da Democracia" promovido pelo Sesc Pompéia com a participação de Judith Butler, disponibilizadas pelo site do Jornal Folha de São Paulo⁵, observa-se cartazes e camisas com os dizeres: “menos – ONU + Família”; “Intervenção Já! Ordem e Progresso”; “Menina nasce Menina! #xôJudithButler”; “Meus filhos, minhas regras. #NÃOaDoutrinação! #EscolaSemPartidoJÁ!!!”, entre outros.

No ano seguinte ocorre o simpósio organizado pela declarada ex-feminista Sara Winter, que já possuía aparições sobre o tema, denominado como 1º Congresso Antifeminista do Brasil⁶, com a participação de Ana Caroline Campagnolo. Ademais, no ano seguinte, em 2018, Campagnolo lança o seu livro *Feminismo, Perversão e Subversão* e com a publicização de seu trabalho e visibilidade como deputada e ativista, ela trabalha na criação de cursos que discutem o tema, em um diálogo estabelecido com seus eleitores e bolsonaristas. Também realiza cursos em parceria com a Winter, alguns comprados pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, administrado por Damares Alves. Deste modo, é no governo de Jair Bolsonaro que se observa a orientação de ideias

³ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/03/31/professora-de-historia-antifeminista-processa-orientadora-por-perseguiçao.htm>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protetam-no-sesc-pompeia.shtm>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

⁵ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1583417806241586-protesto-contra-judith-butler-em-sao-paulo>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

antifeministas como suporte para a adoção, ou não, de políticas públicas para as mulheres. Estas passam a influenciar, explicitamente, em tomadas de decisões governamentais que outrora não se observava.

Tendo isso em vista, vale salientar que embora haja um vasto material eletrônico e literário quanto à temática, ainda há pouco discussão em meios acadêmicos a respeito do conceito de antifeminismo e de suas premissas básicas, sendo necessário determo-nos, na maior parte das vezes, somente às redes sociais e conteúdos disponibilizados pelas antifeministas.

Dessa forma, buscou-se identificar, nesta pesquisa, as características básicas daquilo que é definido como antifeminismo a partir dos conteúdos produzidos em 2019 e 2020 pelas duas mais expressivas representantes midiáticas deste pensamento: Ana Caroline Campagnolo e Sara Winter. Também, analisar de que forma o feminismo se tornou pauta e qual a importância de reescrevê-lo e subvertê-lo para tornar válidos os objetivos propostos por um governo de Direita como o de Jair Messias Bolsonaro. Para além, através das várias vertentes analisadas, refletir de que modo o feminismo como Movimento Social se mostra como uma ameaça para aqueles que querem a defesa e o retorno de certos valores considerados, por eles, como “tradicional” de uma família conservadora. Além disso, destacar o papel da mulher nesta sociedade ideal romântica, por vezes descrita como “civilização ocidental”, organizada em três supostos pilares: o direito romano; a moral judaico cristã e a filosofia grega.

Como contraponto, analisar de que maneira certas reformulações do passado podem conter um caráter negacionista, com o objetivo de ocultar as conquistas realizadas por um determinado grupo. Sendo assim, a recusa de mulheres feministas de se adaptarem ao ideal baseado em valores que as mesmas podem não possuir, tornou-se uma “perversão” para a ideologia presente no atual governo, e quanto a isso, a análise de Pureza e Perigo de Mary Douglas se mostra mais do que presente, pois: “[...] A impureza é ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio.” (DOUGLAS, 1966, p.7).

A relevância deste projeto faz-se presente e necessária por: a) propor uma reflexão crítica e conceitual do significado de “antifeminismo” reconhecido nos perfis selecionados e os modelos idealizados de família e de atuação feminina; b) comparar a sua definição de feminismo com aquela estabelecida por movimentos autodeclarados como feministas; c) identificar os embates discursivos estabelecidos entre estas diferentes perspectivas; d) considerar as suas diferentes conexões com as instâncias de poder

político/governamental.

Em seu livro “Feminismo, Perversão e Subversão”, Ana Caroline Campagnolo adverte: “O feminismo detesta e combate a cultura ocidental, a moral judaico-cristã, e os nossos pilares filosóficos. No lugar do cristianismo, as feministas propõem um estilo de vida irresponsável e nocivamente promíscuo sob a falsa propaganda de liberdade.” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 31) Sendo assim, enfatiza em vídeos postados em sua página no Youtube temas como: “O resgate da feminilidade”; “As mulheres estão em desvantagens?”; “Beauvoir e a perversão de menores”; “Feminilidade e virtude”; e “Não devo nada ao feminismo”.

A partir do exemplo acima, ressalta-se o foco na “feminilidade” para muitos dos perfis e sites que vinculam o antifeminismo, trazendo à tona a reflexão sobre a teoria do eterno feminino, seus adeptos e características que possam descrevê-lo (BEAUVOIR, 1949). Ademais se mostra de grande valor para esta pesquisa a narrativa das mulheres que se declaram antifeministas e pró-Bolsonaro, deixando por vezes evidente características que as tornam, ao mesmo tempo, mais próximas do ideal feminino e distantes de outras mulheres. Como enfatiza Rosana Pinheiro Machado (2019, p. 144): “[...] O medo do feminismo aparece como uma obsessão [...] De alguma maneira, elas exaltam os velhos valores que, lá em 1964, já eram defendidos contra a ameaça comunista: a família e a propriedade.”

Também Machado (2019), em uma entrevista disponibilizada pela UOL intitulada: “É impossível separar o bolsonarismo do antifeminismo”, considera o papel da crise econômica pela qual tem passado o Brasil nos últimos anos, na repercussão do que ela descreve como “crise do macho”, juntamente com o fato da ascensão feminina no mercado de trabalho. Movimentos como o #elenão demonstram o grande crescimento desta nova geração de garotas feministas brasileiras, conjunto também a uma grande repulsa de uma parcela da população por esta causa que, segundo Bruna Soares de Aguiar e Matheus Ribeiro Pereira, pode ser explicada com base na citação de Susan Faludi:

Toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo a igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. ‘O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de ‘progresso’, sempre foi estranhamente reversível’, observou a estudiosa de literatura americana Ann Douglas. [...] ‘Enquanto os homens prosseguem no seu desenvolvimento, construindo sobre tradições herdadas’, escreve a historiadora Dale Spender, ‘as mulheres ficam confinadas em ciclos contínuos de recomeço’. (Faludi, 2001, p.65)

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização desta investigação, foi inicialmente realizada uma breve leitura das referências bibliográficas quanto ao tema do antifeminismo nos EUA e de que maneira isso influenciou sua trajetória do Brasil desde as últimas décadas do século XX. Em dezembro, iniciou-se a busca por fontes digitais que possibilitassem responder aos problemas propostos, como a definição do que as fontes utilizadas elaboram do antifeminismo e do feminismo, etc. Para isso, utilizou-se o *Instagram*, *Facebook* e plataforma de cursos pagos de Sara Winter e Ana Campagnolo, pois se mostrou o principal meio de comunicação entre elas e seus respectivos públicos.

Em relação ao desenvolvimento, necessitou-se visitar algumas fontes já utilizadas na introdução e/ou uma busca por mais referências bibliográficas que dessem maior corpo teórico à análise crítica dos discursos antifeministas. Quanto a isso, a pesquisa se ampliou em alguns pontos importantes, sendo eles: reflexões sobre as denominadas teorias da conspiração; a estrutura do discurso antifeminista; o fazer historiográfico e a utilização de fontes; e, por fim, a importância da temática para a chamada história do tempo presente, e suas relações com as mídias sociais.

Sendo assim, de maneira geral, os materiais se diversificaram conforme a autora investigada. Sara Winter, no que lhe concerne, possui mais foco nas mídias sociais para a perpetuação de seu discurso, o que levou a uma análise mais digital. Ana Campagnolo, embora seja também atuante nessas redes, possui como principal referência seu livro (*Feminismo: Perversão e Subversão*), o que desembocou em uma pesquisa mais teórica e em uma busca pelo conhecimento dos autores que ela cita, como ocorreu com Mary Wollstonecraft. Vale lembrar que a mesma publicou e indicou vídeos que enriqueceram deveras a pesquisa, contribuindo tanto para a análise do tema proposto, quanto em relação aos métodos de pesquisa em história utilizados (ou não) por ela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A HISTÓRIA E O DISCURSO: A CONSPIRAÇÃO COMO CONTRAPROPOSTA

A compreensão humana não é um exame desinteressado, mas recebe infusões da vontade e dos afetos; disso se originam ciências que podem ser chamadas “ciências conforme a nossa vontade”. Pois um homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade. Assim, ele rejeita coisas difíceis pela impaciência de pesquisar; as coisas sensatas, porque diminuem a esperança; as coisas mais profundas da natureza, por superstição; a luz da experiência, por arrogância e orgulho; coisas que não são comumente aceitas, por deferência à opinião de vulgo. Em suma, inúmeras são as maneiras, e às vezes imperceptíveis, pelas quais os afetos colorem e contaminam o entendimento.
SAGAN, p. 232, 2018 *apud* Francis Bacon, *Novum organon*, 1620.

Em seu artigo intitulado *Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais*, Thaiane Oliveira (2020, p.22) define as teorias da conspiração como narrativas irracionais, produzidas por grupos que se situam geralmente deslocados da vida política e social. Vale lembrar que as narrativas utilizadas pelos discursos bolsonaristas também propõem a ideia de que, marginalizados por conta de um suposto domínio de narrativas de “esquerda”, principalmente nas universidades, pressupõem que haja tanto uma perseguição a eles, como um tipo de “censura” às suas ideias.

Ainda segundo a autora, “até causar impactos significativos na sociedade, as teorias da conspiração são tratadas como conhecimento estigmatizado (BARKUN, 2017 *apud* OLIVEIRA, 2020), sendo ignoradas por instituições das quais foram consolidadas em torno da produção da verdade.” (OLIVEIRA, 2020, p. 22). Pode-se destacar, com isso, dos vários *memes* de Jair Messias Bolsonaro que começaram a se disseminar antes mesmo do próprio considerar-se um possível candidato à Presidência da República, e com o aumento de movimentos conservadores a partir das manifestações de 2016 favoráveis ao *Impeachment* de Dilma Rousseff, que observavam neste indivíduo algo mais do que discursos tolos ou violentos.

Não é à toa que o mesmo (ainda deputado) e seu filho, Eduardo Bolsonaro, em 2016, já apareciam nos documentários da rede Brasil Paralelo, por exemplo. Em seu processo de candidatura e no seu governo, esses discursos foram e ainda formam sua base, causando impactos significativos agora, como o fato de que Ana Caroline Campagonolo

possuí mais de 755 mil seguidores no seu Instagram e 50 mil cópias de seu livro vendidas, estando em destaque no site de compras virtual *Amazon*, por exemplo.

Dessa maneira, o questionamento de Matthew D'ancona, citado por Carlile Lanzieri Júnior (2020, p.190), torna-se deveras relevante como contribuição nesta análise. Para ele, [...] a questão é: como o ideal de veracidade ficou tão enfraquecido, tão estiolado, a ponto de concorrer de modo tão deficiente com o emocionalismo contemporâneo? O que aconteceu com a verdade? Segundo Lanzieri (2020, p.191 e 192, grifo nosso),

A questão nova que está agora posta sobre as mesas de debates cercadas por historiadores e outros pesquisadores ligados às humanidades e áreas afins é como agir na labuta cotidiana com os que simplesmente ignoram o que dizem as fontes deixadas pelo passado ou que o rejeitam ou o reinventam a partir de ideologias robustecidas por doses consideráveis de algo que a genialidade de Marc Bloch não foi capaz de prever: a pós-verdade e a autoverdade, duas genuínas expressões das incontáveis distopias do nosso tempo. E ambas igualmente conduziram o passado prático de Michael Oakeshott para muito além do que ele propôs e o transformaram em um passado desejável, previsível e agradável. [...] **Da esquerda à direita, o avanço de políticos e políticas tomados por uma verve religiosa, nacionalista, familista, sexista e anti-intelectual assusta e não apresenta indícios de que tão cedo irá recuar.**

Com relação ao antifeminismo, não só esse passado se apresenta como prático para fins ideológicos, como sua própria manipulação e negação, e muitas vezes por aqueles que nem se quer conhecem os métodos utilizados para uma análise histórica ou seus conceitos básicos. Um exemplo claro se mostra na reação de Ana Caroline Campagnolo (formada em História), à crítica de uma Professora universitária que se manifestou contrária à sua palestra na Universidade Filadélfia (UniFil)⁷ devido à falta de rigor científico em sua análise. Pois bem, horas depois, Campagnolo postou um vídeo de 43m em seu perfil do *Youtube* e *Instagram* intitulado “Feminismo no Mundo da Lua”⁸, porque a professora em questão se chamava Luana, cuja imagem representa o vídeo pausado da deputada, ainda contendo um desenho que ironiza a professora em questão, contendo a seguinte frase “SELO PROFE LU DE RIGOR CIENTÍFICO”.

Desta postagem, destaco um trecho de sua fala:

⁷ LONDRINA, UniFil. LIVE com Ana Caroline Campagnolo | Feminismo Perversão e Subversão. Youtube. 27 de março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RbhqYnJhb9A>. Acesso em 29 de abril de 2021.

⁸ CAMPAGOLO, Deputada Ana Caroline. Feminismo no Mundo da Lua | Clube Campagnolo. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pidTj6HpsMU>. Acesso em 29 de abr. 2021.

Mas isso não vem ao caso, porque olha só o que a professora Luana, professora universitária, que ensina os alunos, está nos dizendo: **que o conhecimento de história, de filosofia, e das “ciências humanas”, precisam passar por um rigor científico que saiu da cabeça dela, porque veja só: um dos livros de história mais conhecidos sobre a época do Nazismo é o Diário de Anne Frank. Você sabe que Anne Frank morreu quando ainda era uma adolescente. Eu pergunto: qual o rigor científico que Anne Frank tinha para escrever o Diário de Anne Frank?** Bom, se não tem rigor científico nenhum, de repente as associações de história, as instituições que representam os professores de história de todo o Brasil deveriam criar um selo de desconfiança acadêmica e carimbar livros como o da Anne Frank. [...] Mas não é só o dela que eu quero falar pra vocês, embora óbvio que uma criança como Anne Frank não tinha como ter autoridade e rigor científico, embora seu livro seja usado em absolutamente todo o mundo para fazer de Nazismo. **(grifo nosso)**.

Figura 1: Vídeo disponibilizado no Youtube por Ana Caroline Campagnolo.



Fonte: Página do perfil da Deputada Ana Caroline Campagnolo no Youtube.⁹

Para complementar a ideia de história e de sua análise, merece atenção a sua interpretação do conceito de “eurocentrismo”, que aliás é primeiro deturpado, e após, defendido por ela. Em um vídeo realizado pelo canal Brasil Paralelo em 2020 denominado

⁹ CAMPAGOLO, Deputada Ana Caroline. Feminismo no Mundo da Lua | Clube Campagnolo. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pidTj6HpsMU>. Acesso em 29 de abr. 2021.

“CRIANÇAS BRASILEIRAS SÃO MENOS INTELIGENTES? | ANA CAROLINE CAMPAGNOLO”¹⁰ enfatiza,

Nos nossos cursos de letras a gente ouve muito essa expressão “Temos que combater o eurocentrismo”, a “teoria eurocêntrica”. **E o que quer dizer isso em termos práticos? É tirar do cânone dos textos gregos, os clássicos gregos, os clássicos da Idade Média.** “Temos que democratizar o currículo”. O que é democratizar o currículo? É facilitar o currículo. É baixar o nível do currículo. É pegar um livro de Machado de Assis e facilitar a leitura de Machado de Assis. Não precisa disso. (grifo nosso)

Em relação à análise destas falácias, os criadores do canal de entretenimento e política Meteoro Brasil dissertam: “[...] há quem use o mesmo instrumento (etimologia) para assaltar as palavras, destituindo-as de sua riqueza histórica, seus conhecimentos, suas abstrações [...] e periculosidade aumenta quando ele encontra outras armas, como a comunicação pública.” (METEORO BRASIL, 2019, p. 12). É isso que ocorre com o termo “eurocentrismo”, que longe de representar os clássicos da Idade Média, é caracterizado por uma narrativa eurocêntrica, branca e muitas vezes, partindo da visão do colonizador. É o estudo da Idade Média focado apenas na Europa, ou das independências, ou outros eventos históricos, como a colonização, privilegiando o discurso dos “vencedores”.

Para além dos problemas citados, emerge como seu difusor a História Pública, que como citada por Romulo Fernando Assis (2020, p.25), pode ser definida como uma maneira do historiador engajar o público leigo para a compreensão de algumas questões básicas para o ensino da história, isso de forma crítica, participativa e emancipatória. De fato, essa maneira de facilitar o conhecimento histórico não é um problema, pelo contrário, atualmente são vários os exemplos que tornam esse estudo mais acessível. A complicação emerge justamente de utilizá-lo a fim de comprometer alguns temas e conhecimentos já consolidados na área acadêmica, trazendo à tona o negacionismo disfarçado de revisionismo histórico:

O que, enfim, os negacionismos almejam não é a revisão, legítima, do conhecimento histórico, mas seu encerramento em categorias estanques supostamente ancoradas em uma verdade que não admite, por seu caráter absoluto, contestação alguma. Não é surpresa que negacionistas de todos os tipos transformem suas empreitadas intelectuais em verdadeiras cruzadas políticas, quase apocalípticas, porque, ao fim e ao cabo, é disso que se trata: de

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBtHRImRTD8>. Acesso em: 30 de abril de 2021.

expulsar do horizonte político e intelectual quaisquer contestações, sempre associadas a conspirações e doutrinações diversas, às suas narrativas. (Ávila, 2019 *apud* ASSIS 2020, p.30).

Essas “reformulações” do passado com o objetivo de negar as conquistas realizadas pelas lutas de movimentos organizados de mulheres ao decorrer do tempo possui também a ideia de contra-atacar aquelas que não se adaptam ao ideal de valores disseminado como “ínatos” da mulher, com o intuito de destruir seu referencial ao torná-lo uma “perversão” para a ideologia presente no atual governo. Quanto a isso, a análise de Pureza e Perigo de Mary Douglas se mostra mais do que presente, pois, segundo ela, a suposta “impureza” estabelecida é uma ofensa a um ideal social e eliminando-a, pode-se até mesmo contribuir para o meio.

Em uma entrevista ao Jornal Opção¹¹, para divulgar seu livro *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político*, o professor João César de Castro Rocha destaca que o sistema bolsonarista é caracterizado por um conjunto de falsidades deslocadas da realidade, produzindo um sistema de crenças que não podem ser compreendidos de um ponto de vista racional.

Na mesma live de 23 de julho, Bolsonaro usou o método Paulo Freire para criticar a esquerda, ao dizer que culpado pelo fracasso da educação no Brasil seria o método Paulo Freire.

[..] É sempre um combate. Combate contra quem? É quando surge a estrutura de pensamento, na qual existe uma constante, por assim dizer, eterna, conspiração da esquerda, que não deseja mais tomar o poder pelas armas para impor a ditadura do proletariado. Agora, pelo contrário, a esquerda compreendeu que esta forma de tomar o poder não é tão eficaz quanto conquistas corações e mentes. Qual a resposta possível? Vencer uma eleição é muito pouco. É preciso destruir as instituições que foram aparelhadas pela esquerda, segundo a narrativa bolsonarista

Outro aspecto que merece destaque é a reflexão de Sônia Meneses (2019) sobre negacionismos e histórias públicas reacionárias. Para ela, no século XXI observa-se a emergência de uma nova produção historiográfica pautada na ampliação do uso de fontes, e, por outro, um descompasso com relação a conteúdos mais amplos para a população. E é neste vácuo hipotético que se apresenta o que ela chama de *historiografia midiática*, ou

¹¹ Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/joao-cezar-de-castro-rocha-pela-primeira-vez-temos-um-governo-que-se-baseia-num-movimento-pautado-pelo-odio-o-bolsonarismo-cujo-combustivel-e-o-ressentimento-277257/>. Acesso em 30 de abr. de 2020.

seja, toda a produção sobre o passado se ampara nos diversos meios de comunicação possíveis e que almejam grandes audiências. (MENESES, 2019). Para ela, (2019, p.2),

O aparente frescor das imagens vibrantes, a participação de youtubers famosos na apresentação de conteúdos que seriam fruto de “pesquisas históricas sérias”, ou a “descoberta” de novidades sobre o passado, em grande medida se configuram numa releitura de antigos paradigmas que sustentam a manutenção de processos excludentes, preconceitos e conclusões que utilizam de forma desonesta as informações extraídas de teses e dissertações, ou mesmo fontes históricas, selecionadas e recortadas para referendar argumentos cujo fim é a desqualificação política de vários sujeitos e enunciados científicos. Algumas delas, **inspiram estratégias discursivas quase milenaristas na medida em que estimulam uma cruzada assentada em polarizações do que seriam verdades e mentiras, partidos e sem partidos, o bem contra o mal. Por isso é uma história que se anuncia como uma escolha entre contrários numa dicotomia sectária que aniquila a complexidade do pensamento e a diversidade de ideias.** Não por acaso, exalta-se o politicamente incorreto contra o politicamente correto, a escola sem partido contra a escola doutrinadora ou, a história verdadeira contra a história de esquerda.

Caracterizado o método de estrutura de discurso antifeminista, no próximo tópico se observará a maneira como ele é utilizado por Ana Campagnolo e Sara Winter para definir o movimento feminista e suas particularidades do ponto de vista destas.

3.1.1 O FEMINISMO PELAS ANTIFEMINISTAS

Em *As diferenças entre os sexos e a dominação simbólica*, Chartier (1993) apresenta o que denomina como processo de lutas simbólicas e aponta para uma mudança fundamental ocorrida entre os séculos XVI e XVIII em relação à interiorização pelas mulheres das normas advindas dos discursos masculinos, especialmente a respeito dos arquétipos de santidade. Para ele, “Longe de afastar do "real" e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros.” (CHARTIER, 1993, p. 40).

Com isso, observa-se o primeiro aspecto que culminaria no que atualmente observa-se como característica “feminina”, ou seja, a religiosidade conjunta à modéstia e à valorização de uma moral cristã-ocidental, singularidades adotadas frequentemente por Sara Winter e Ana Caroline Campagnolo, tendo como ideário que essas “qualidades” não poderiam ser encontradas em feministas. Para Campagnolo, isso até poderia denominar o

movimento feminista,

Como se vê, incontáveis escritores, pesquisadores e teóricos podem ser citados para confirmar esse fenômeno: um movimento político, ideológico, essencialmente anticristão, busca cooptar especialmente as mulheres para a consolidação de uma revolução sexual. **Esse movimento é o FEMINISMO: do mais moderado ao mais radical, do mais sutil ao mais aberrante, do liberal ao socialista.** (CAMPAGNOLO, 2019, p. 300, grifo nosso.)

Outra análise do movimento, aliás, também pode ter como base Olavo de Carvalho, que segundo ela, sua única conquista foi liberar os homens de não sustentar as mulheres, e elas, o direito de não trabalhar e de viver do sustento de seu cônjuge. (CAMPAGNOLO, 2019). E em uma entrevista disponibilizada pelo UOL em 2019, quando questionada em relação à ameaça do feminismo à ordem ocidental, a mesma afirma que a civilização ocidental é o melhor modelo de sociedade, e se houver discórdia, só pensar em como é a vida na Índia ou no mundo árabe, onde, segundo ela, o cristianismo não existe.

Para ela, esse movimento deveras complexo e plural, que abrange mulheres desde o século XV e XVI em solo inglês, como *O livro da cidade das mulheres*, publicado por Christine de Pizan em 1405, até a atualidade, com o desenvolvimento de diversas categorias de lutas pela igualdade de direito, e tantos outros, não seria mais que uma conspiração que visa a destruição da sociedade e dos valores ocidentais, bem como da moral judaico-cristã.

Ademais, com relação à definição de uma civilização judaico-cristã, também defendida por membros e ex-membros do governo Bolsonaro, Lanzieri Jr (2019, p.203), apresenta a ideia de que isso não passa de uma abstração e que seus defensores parecem não levar em consideração as pluralidades culturais que existem sobre ela. O autor também destaca que tal recurso do “nós contra eles”, utilizado por eles, é típico de governos que apelam para esse confronto para impor agendas, estas aceitas por populações que se amedrontam pelo o que ele denomina de novo medo dos bárbaros.

Como enfatiza Rosana Pinheiro Machado (2019, p. 144), os medos do feminismo, assim como do comunismo e da destruição do núcleo familiar, possuem uma certa ligação com os inimigos que já “ameaçavam” a sociedade brasileira em 1964 e que precisam ser destruídos para a continuidade de um modelo social utópico e construído pelas forças que estavam no poder. Dessa forma, pode-se definir que, para Campagnolo, o antifeminismo

é a negação a este próprio projeto de feminismo criado e criticado por ela, tendo como bibliografia ora autores conservadores, ora até mesmo misóginos, como o já citado Otto Weiniger.

Visando a divulgação de seu curso e as recomendações que nele estão presentes, especificamente no mês que ela denomina para o estudo da família, Ana Caroline Campagnolo publica um vídeo do Deputado Nikolas Ferreira (PRTB) intitulado “Nikolas Ferreira Desmascarando o feminismo”. O título, por si só polêmico, chama a atenção não só por seu conteúdo extremamente controverso e falacioso, mas por ser narrado em um ambiente de debate político – a Câmara dos Deputados de Belo Horizonte – e por um homem eleito por uma considerável porcentagem de votos, e também, próximo ao Presidente Jair Messias Bolsonaro, como evidencia seus perfis nas redes sociais, *Instagram e Youtube*. Na figura a seguir apresenta-se uma postagem de Campagnolo no Instagram recomendando o vídeo de Níkolos Ferreira, no qual ele aparece, segundo ela, “desmascarando o feminismo”.

Figura 2: Post do Instagram de Ana Caroline Campagnolo.



Fonte: Página do Instagram de Ana Caroline Campagnolo.¹²

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/anacampagnolo/?hl=pt-br>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

Como segundo parlamentar mais votado da história da capital mineira, escolhido por 29.388 eleitores para o primeiro mandato como vereador com apenas 24 anos¹³, Nikolas também contou com o apoio de Eduardo Bolsonaro durante sua campanha. Nas matérias dedicadas à sua jovem carreira e também em suas polêmicas, ele é destacado por seu empenho na militância de direita¹⁴, pelo não uso de máscara de proteção¹⁵ e é alvo de denúncias por transfobia na Câmara de BH.¹⁶

Aqui destaco alguns trechos de seu discurso realizado da Câmara dos Deputados de Belo Horizonte realizada no Dia Internacional da Mulher, 08 de março de 2021. O vídeo está publicado em seu próprio canal do Youtube com o título “Desmascarando o feminismo. VEJA ATÉ O FINAL”.¹⁷ Nele, destaca-se não só uma passagem extremamente preconceituosa com relação às pessoas transgênero, como a falta de informações coerentes sobre o aborto, a falta de respeito e absoluta insensibilidade em relação a todas as mulheres que já passaram por essa situação e a sua comparação com os movimentos genocidas que ocorreram na história. Longe de se preocupar com as vidas perdidas nas clínicas de aborto clandestinas no país, Nikolas se preocupa com os gênios e as pessoas boas que poderiam ter nascido caso o aborto não tivesse ocorrido. E ainda, depois de tudo, fala sobre o cristianismo, a importância dele para a civilização ocidental, e o compara, de maneira contraditória e confusa, com o feminismo. Feminismo esse, que não é conceituado, apenas estereotipado.

Hoje é o dia Internacional das mulheres. Parabéns mulheres XX. [...] O movimento feminista vem aqui falar sobre vida, importante levantar sobre isso. Ano passado morreram 1.5 milhões mais ou menos pessoas de COVID e eles chamaram isso de pandemia. Ano passado morreu 55 milhões de crianças abortadas e eles chamam isso de direito. O movimento feminista pega as virtudes de inatas da mulher como coragem como persistência e coloca isso um monopólio de um movimento. O movimento feminista ele milita pela morte de crianças do ventre, mulheres principalmente, o que é uma 50% de chance de ser homem ou de ser mulher, ou seja, movimento feminista mata mulheres ali em potencial e eles chamam isso de direito chamando de liberdade. [...] **Vocês na verdade são o maior movimento genocida da história.** 55 milhões de crianças

¹³ Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/vereadores/nikolas-ferreira>. Acesso em 29 de abril de 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/quem-e-o-vereador-que-representa-o-bolsonarismo-na-camara-de-belo-horizonte.html>. Acesso em 29 de abril de 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/11/vereador-nikolas-ferreira-discursa-sem-mascara-de-protecao-no-plenario-da-camara-de-bh.ghtml>. Acesso em 29 de abril de 2021.

¹⁶ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/15/interna_politica,1205365/2-vereador-mais-votado-de-bh-nikolas-ferreira-duda-salabert-homem.shtml. Acesso em 29 de abril de 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLdV4XKXyaQ&t=296s>. Acesso em 29 de abril de 2021.

mortas. Quantos gênios nós não perdemos? Quantas pessoas boas nós não perdemos porque simplesmente uma pessoa acha que ela vai ser pobre então mata por sofrimento vai e mata? Então faz o seguinte passa ali debaixo do viaduto e mata qualquer pessoa que está lá porque ela acha que ela está sofrendo mata uma pessoa acabando que ela vai nascer no ambiente pobre. Vergonha de vocês feministas. [...] Não ousem falar do cristianismo. Não ousem. Depois que você dividiu o mundo antes e depois de você, você abre a boca para falar daquilo que construiu toda a civilização ocidental, caso contrário o movimento feminista não passa de água de salsicha não serve para porcaria nenhuma. Obrigado.

Sara Winter, no que lhe concerne, apresenta uma versão um pouco diferenciada sobre feminismo. Ex-participante do grupo radical fascista Ucrâniano *Femen*, ela elabora suas considerações sobre o tema tendo como base sua própria trajetória de vida neste projeto. No Instagram de Winter, onde publica seus cursos e compartilha seus discursos, pode-se encontrar a sua definição de feminismo, e para além, assim como Campagnolo, a sua oposição em relação à religião e à moral cristã.

Figura 3: Post do Instagram de Sara Winter.



Fonte: Postagem do Instagram de Sara Winter.¹⁸

Não existe “feminismo brando”. Tampouco existe um “feminismo bonzinho que já ajudou as mulheres.” / O feminismo é tão somente um movimento cultural, acadêmico e social que tem como objetivo destruir os papéis masculino e feminino, subvertendo a natureza da sexualidade humana e implementando a revolução sexual: ideologia de gênero, aborto, pedofilia, destruição da família e redução populacional. / O feminismo é a filha preferida de Karl Marx! Não caia

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHTqVpej4zH/>. Acesso em 21 out. 2020.

nessa mentira!

Em busca de caracterizar o feminismo como um movimento de vertente única, levando em conta uma miscelânea de achismos e estereótipos, ela apresenta tanto sua falta de referências sobre o tema, como o exagero da utilização do discurso do “nós contra eles, já citado anteriormente como presente na estrutura das antifeministas.

Em uma publicação de 14/12/2020, Winter apresenta a seguinte análise sobre o feminismo, em resposta a um seguidor:

Durante toda sua história o movimento feminista foi composto por mulheres frustradas, invejosas e carentes. / Mary Wollstonecraft em 1790 publicou um livro chamado A reivindicação das mulheres. Ela escrevia sobre como a mulher deve ser independente, mas chegou a tentar suicídio 2 vezes por que se apaixonou por um homem que a rejeitou. / Muitos pensam que Frida Kahlo foi uma mulher forte, mas na verdade ela era constantemente traída por seu marido, Diego Rivera. Escreveu várias cartas à sua amigas descrevendo como Diego a maltratava. Frida sempre tolerou os maus tratos e traições de seu marido. / Betty Friedan escreveu o livro A Mística Feminina, com o objetivo de quebrar padrões machistas. No entanto ela tinha uma vida confortável de classe média e nunca havia sofrido verdadeiras opressões. / Estudando a vida das maiores feministas da história, podemos chegar a uma consciência rápida e simples: ser feministas é coisa de mulher frustrada.

Algumas considerações sobre esse último enunciado devem ser ditas. Em primeiro lugar, uma rejeição amorosa, assim como uma tentativa de suicídio e os maus tratos de um parceiro são questões particulares do autor, podendo influenciar ou não sua escrita. Neste caso, inclusive, não há nenhuma contradição, visto que ao contrário do ideal de feminista do senso comum, a maior parte das mulheres que aderem ao movimento, assim como qualquer outro ser humano, apaixonam-se, se decepcionam e podem sofrer de diferentes maneiras, mas ainda assim, defendem seus direitos, visto que o privado não necessita ter relação com o público. Ademais, uma citação a Betty Friedan, além de contraditória, soa curiosa: “No entanto ela tinha uma vida confortável de classe média e nunca havia sofrido verdadeiras opressões.” Dessa forma, haveria verdadeiras opressões? Se ela não tivesse uma vida confortável de classe média, em vista do texto, seria digna a publicação de sua obra?

Quanto a referência à Mary Wollstonecraft, há alguns pontos a serem reiterados: primeiro, é após a publicação de *An Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution*, e seu retorno à Londres, que ela descobre a infidelidade de Gilbert Imlay, o que a leva à primeira tentativa de suicídio. A segunda tentativa, já depois

de viajar para Escandinávia para reiterar assuntos comerciais com o mesmo, não tem seus motivos descritos por ela ou próximos. (MIRANDA, p.11 a 12, 2015). Ou seja, para além da injustiça e insensibilidade para com possíveis transtornos mentais, Winter não se mostra informada quanto a vida de Wollstonecraft.

Em outro post, anunciando seu curso chamado *O Lado Negro da Esquerda*, Winter relata ainda mais essa oposição entre feminismo e religião ao afirmar:

Figura 4: Post do Instagram de Sara Winter.



Fonte: Postagem do Instagram de Sara Winter.¹⁹

É POSSÍVEL SER FEMINISTA E SER CATÓLICA? / NÃO! / O Cristianismo em si e a doutrina feminista são teologicamente e filosoficamente INCOMPATÍVEIS. / [...] / Não se pode mudar uma tradição de 3 mil anos para adequar-se a uma ideologia pós-moderna repleta de falhas acadêmicas e naturais. / Feminismo e catolicismo são PRÁTICAS OPOSTAS, o primeiro tenta destruir o segundo, que por sua vez reza e muitas vezes acolhe os [praticantes] do primeiro.

A autora ignora que, como já citado antes, o feminismo não se volta exclusivamente para o Ocidente e que suas várias vertentes possuem características próprias. É nítida a maneira de fazer com que o mesmo seja desvalorizado pela suposição de que busca a “destruição” da religião cristã, partindo do pressuposto de que se algumas mulheres feministas como a americana Annie Laurie Gaylor (1955-) não aderem ao cristianismo e

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHkyMGhjP2u/>. Acesso em 23 out. 2020.

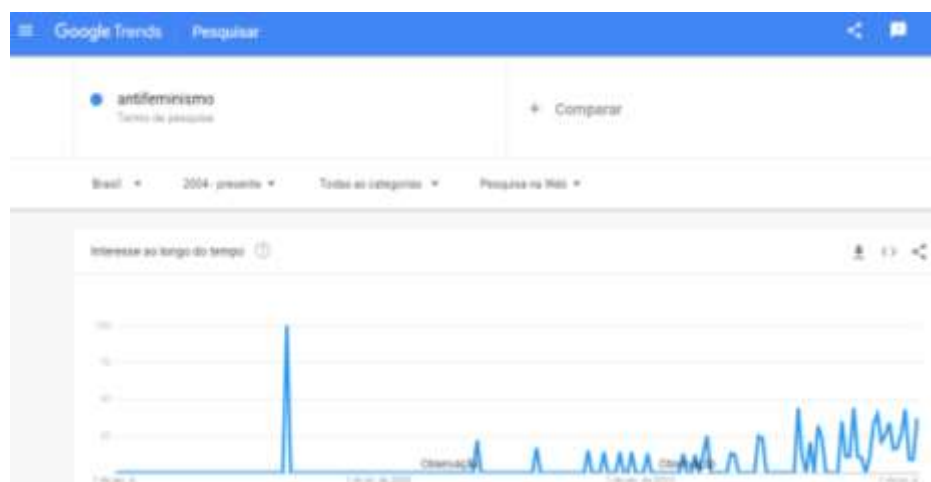
observam o domínio masculino em algumas esferas religiosas, todas devem pensar dessa maneira. O que não é crível, visto que além de alguns feminismos não terem contato próximo com o cristianismo, não há como fazer com que um movimento como este se torne homogêneo ao ponto de possuir objetivos comuns. Há pluralidade e propostas distintas entre eles considerando-se o tempo e espaço em que foram/são formulados.

Tendo em vista essas características apresentadas por Winter, seu antifeminismo baseia-se no mesmo ideal de Campagnolo. Ela cria a sua definição a partir de suas experiências pessoais e estabelece as “vítimas”: o cristianismo, a família e a feminilidade, e o seu “algoz”: o feminismo. Portanto, como já percebido com as figuras apresentadas, a utilização das redes sociais mostra-se fundamental para a disseminação desse tipo de ideal, e por isso, será analisada sua importância no tópico a seguir.

3.1.2 A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS

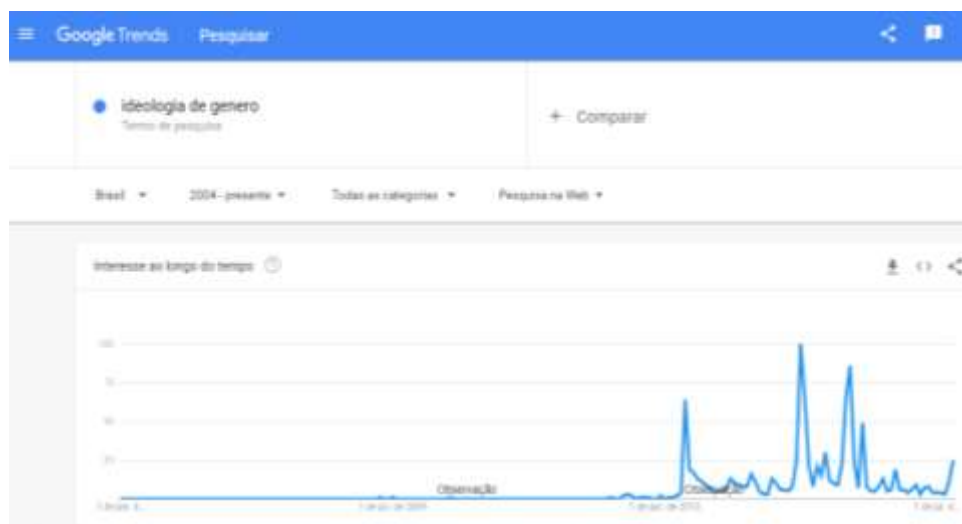
Para a análise midiática do tema “antifeminismo”, é de fundamental importância a noção da frequência com que esses temas eram popularmente pesquisados anteriormente ao período das eleições, para que seja possível correlacioná-los ou não, com a ascensão da campanha de Jair Messias Bolsonaro em 2018. Assim, por meio do uso da ferramenta denominada “Google Trends”, foram selecionados dois termos fundamentais que norteiam as divulgações dos grupos antifeministas: o antifeminismo e a ideologia de gênero.

Figura 5: Dados com relação à pesquisa do conceito “*antifeminismo*”.



Fonte: Google Trends.²⁰

Figura 6: Dados com relação à pesquisa do conceito “ideologia de gênero”.



Fonte: Google Trends.²¹

Relacionado ao primeiro item, nota-se um aumento de popularidade de pesquisa significativo no mês de agosto de 2007; após, em meio às pequenas oscilações que não chegavam à popularidade de 25, duas destacam-se: o mês de junho de 2016, e o mês de julho de 2017. Depois disso, todavia, há um crescimento destas e uma aproximação das curvas, com a maioria delas ultrapassando as marcas registradas anteriormente, com

²⁰Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=antifeminismo>

²¹ Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=ideologia%20de%20g%C3%AAnero>

exceção de 2007.

A respeito do segundo item da pesquisa, observa-se um fenômeno diferente, mas não dissociado. Com mínimas pesquisas nos anos anteriores, o assunto é abruptamente interessado no mês de junho de 2015, batendo uma meta considerável quando relacionado aos anos anteriores. Após uma queda no período entre 2016 e o início de 2017, em outubro do mesmo ano observa-se novamente um crescimento destoante dos demais, alcançando a marca de 100 em popularidade de pesquisa. Depois dele, destaca-se outubro de 2018 - época das eleições no Brasil -, e janeiro de 2019. Com enfoque nas principais referências do tema, analisa-se com mais especificidade a seguir suas publicações mais dignas de destaque.

Tratando-se da importância das redes sociais para o sustento dessa “nova direita” no país, a organização denominada Meteoro Brasil em seu livro *Tudo O Que Você Precisou Desaprender Para Ser Um Idiota* (2018), apresenta um aspecto fundamental para a compreensão deste fenômeno, ou seja, o fio condutor entre o que eles consideram como uma recessão democrática no cenário global e o crescimento das redes nos últimos anos. Referindo-se a Jason Stanley e sua obra *Como funciona o fascismo*, os autores argumentam “não é surpreendente que essa técnica [fascista] volte a ser bem-sucedida no exato momento histórico em que as redes sociais consolidam sua presença dentro do instrumental usado pelas campanhas eleitorais?” (BRASIL, Meteoro, 2019, p. 24).

E fora essas campanhas, são vários os exemplos que serão melhor explorados nos próximos capítulos: cursos, lives, clubes de aprendizado e leitura ou documentários variados. Mas se houvesse como delimitar características comuns entre estes, quais seriam? Essa mesma proposta fora analisada pelos autores anteriormente citados por meio do que Stanley classifica como os dez pilares do fascismo. Vale recordar que a comparação não deve ser analisada como uma hipótese pronta, mas é digna de discussões já que os próximos tópicos podem, ou não, confirmar as disposições demonstradas a seguir. Dentre estes, os cinco primeiros são:

O primeiro desses pilares consiste em despertar nas pessoas uma nostalgia, [...] há sempre uma busca por aquilo que Stanley chama de “passado mítico”. [...] O segundo pilar do fascismo é a propaganda, que se dedica em inverter as coisas: doutrinadores falam em luta contra doutrinação e corruptos falam em luta contra a corrupção. [...] A terceira característica é o anti-intelectualismo: as universidades são hostilizadas por disseminar muita doutrinação e pouca educação, servindo como propagadoras de todo tipo de imoralidade. [...] O quarto [...] se relaciona de maneira direta com a nossa pretensão de entender o esfacelamento da verdade e a presença massiva de teorias conspiratórias no

debate político. A destruição da realidade também é fundamental. [...] Numa quinta divisão da técnica fascista, encontramos a hierarquização da sociedade. É aqui o subtítulo da obra de Stanley – A política do “nós” e “eles” – encontra uma justificativa.²²

No entanto, embora essas características e o trabalho sobre elas venham a acrescentar na pesquisa, deve-se retornar ao foco principal que é a análise mais simplista e geral das propostas teóricas e midiáticas apresentadas por Ana Caroline Campagnolo e Sara Winter. Contudo, não se deve ignorar certas similaridades, nem deixar de citá-las quando necessário, visto que se tornam bem evidentes em alguns tópicos que serão destacados abaixo. Para além, outros aspectos devem ser ressaltados, como o próprio contexto que possibilitou a ascensão de posicionamentos como esse, embora o foco seja os autores, uma vez que o cenário e seu público foram os que facilitaram seu engajamento, levando em conta o próprio fato da proximidade entre estes e o círculo governamental.

O historiador Trevor Roper, em seu trabalho denominado *Religião, Reforma e Transformação Social (1971)*, ao falar sobre a questão da perseguição às bruxas no período medieval, retoma uma análise interessante ao tema aqui apresentado. Inicialmente, para além de perseguições esporádicas realizadas pelas ordens missionárias que viviam entre o povo e faziam pressão para que as autoridades eclesiásticas se tornassem favoráveis àquele sistema, a colaboração da sociedade para com este foi sem dúvida um fator relevante. Para ele, era de fundamental importância os denominados tribunais do povo, que faziam com que os papas reagissem à essa pressão e procurassem um bode expiatório para tal. (ROPER, 1971). Ademais, citando outros casos de perseguições de localidades e períodos diferentes, ele comenta (1971, p.90, grifo nosso),

Mais tarde, quando os ânimos se modificam ou a pressão social deixa de se fazer sentir, graças a essa efusão de sangue, o anônimo desaparece de cena, deixando a responsabilidade pública aos pregadores, aos teóricos e aos governantes que exigiram, justificaram e ordenaram o ato. Mas o historiador não pode deixar de lhe atribuir a sua parte de responsabilidade. Individualmente, essa parte pode ser infinitesimal mas, colectivamente, é a mais importante. **Sem os tribunais do povo, a perseguição social não pode ser organizada. Sem o povo, não pode sequer ser percebida.**

²² BRASIL, Meteoro. Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota. São Paulo: Planeta do Brasil. 2019, p. 24.

Portanto, trazendo essa reflexão para a atualidade, a ideia da luta contra o feminismo e o que ele representa no ideário de Campagnolo e Sara Winter não possuiria tanta relevância se não tivesse sua aceitação social em um determinado grupo, que não só os aceita como elegeu Campagnolo como Deputada Estadual em SC.

Em uma palestra disponibilizada pelo Café Filosófico CPF²³, o historiador Leandro Karnal, ao discutir Bauman, faz uma observação pertinente quanto a aderência de um grupo ou sociedade à políticas radicais. Para ele, além de um contexto social instável, o dinamismo das redes sociais e da modernidade permitiram às pessoas uma vasta gama de possibilidades de identificação, resultando em um indivíduo que não consegue se destacar ou saber quem é, e que por isso, acaba por aderir a grupos que lhe informem como ele deve agir e pensar na política, especialmente quando os mesmos se encontram de fácil acesso pela mídia.

Para continuar essa reflexão, o tópico a seguir abordará algumas propostas de análise advindas das antifeministas por meio de seus perfis sociais.

4. AS PROPOSTAS TEÓRICAS E MIDIÁTICAS

4.1.1 SARA WINTER

Diferente de Ana Caroline Campagnolo, que possui um foco mais direcionado à propaganda de seu livro ou de cursos que abordam as temáticas que nele se inserem, Sara Winter se destaca nas redes sociais por suas *lives* e cursos que possuem temáticas mais específicas. Como recorte necessário à pesquisa, os itens aqui apresentados são datados de novembro de 2020 até fevereiro de 2021, oferecendo alguns exemplos de sua produção midiática. No entanto, houve um certo problema no decorrer da pesquisa, pois o perfil que antes era utilizado para a divulgação dos cursos foi invadido e encerrado e houve a criação de outro. Assim, embora não haja maneira de localizar esses cursos neste perfil perdido, é possível localizá-los em seu site, como será mais bem abordado a seguir.

No dia 18 de novembro de 2020, Sara Winter divulga em seu perfil no Instagram seu novo curso intitulado “Como destruir o feminismo: Um curso para jovens e pais

²³ CPFL, Café Filosófico. Bauman: Diálogo da segurança e do efêmero. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LoxeltkRspY&t=214s>. Acesso em: 05 de novembro de 2021.

desesperados”, com a frase “Sua família está em PERIGO” em destaque. Assim, chama a atenção a legenda feita pela mesma em relação ao seu curso:

Existe um inimigo que tem o potencial de destruir seu bem mais precioso: a família. / Ele se aproveita que você precisa trabalhar e chega sorrateiro, devagarinho. Ele entra pela sua casa através da televisão, da Netflix e do YouTube. /Ele pode alcançar seus filhos através de más amizades, do total acesso à Internet sem supervisão e até por meio de professores mal intencionados./ Ele transforma seus filhos em rebeldes e prostituída suas filhas./ Tira sua soberania no lar, transforma seus entes queridos em inimigos e sua casa em um campo de batalha./ Não deixe o feminismo acabar com sua família. [...] Salve sua família!

Considero de importante ressaltar algumas definições ou palavras-chaves que possam contribuir ainda mais para o debate com relação ao antifeminismo. O primeiro item por ela destacado oferece ao leitor a ideia de que sua família será atacada pelo feminismo, ou seja, que o movimento é favorável à destruição de uma ordem familiar estabelecida, sendo esta conservadora e heteronormativa. Além disso, sugere que há pais desesperados, pois estão tendo que conviver com seus filhos que acabam por aderir ao movimento dentro de sua própria casa.

Figura 7: Mais imagens da divulgação de seu curso, por meio do Instagram.



Fonte: Postagens do Instagram de Sara Winter.²⁴

²⁴ Disponível em: <https://ne-np.facebook.com/apropriasarawinter/videos/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-como-destruir-o-feminismo-um-curso-para-juvens-e-pais-d/2578683465759390/?extid=SEO> Acesso em 24 abr. 2021.

Na Figura 7, a autora utiliza-se de um tom religioso, que sendo este cristão e católico (pela referência ao terço), visa à conversão, como se aquele mesmo indivíduo antes causa de desespero para seus pais, também necessitasse de oração, levando a crer que forças contrárias ao bem estabelecido pelo cristianismo estariam agindo sobre ele.

Figura 8: Ainda mais divulgações.



Fonte: Instagram de Sara Winter.²⁵

Na figura 8, destaca-se a frase “A *verdade* sobre a vida das maiores feministas da história”. Para uma análise sobre isso, Michel Foucault, em 1970, em uma aula inaugural no Collège de France denominada *A Ordem do Discurso*, enfatiza que nos três sistemas de exclusão que atingem o discurso, como a segregação da loucura e a palavra proibida, o desejo e o poder também estão em jogo quando se trata da vontade de dizer o discurso verdadeiro, aquele que possui como objetivo determinar o monopólio sobre aquele tema. É por meio disso que Winter visa diminuir ou até cessar a importância ou os debates sobre as mulheres citadas, oferecendo uma suposta verdade velada pelas universidades ou grupos de esquerda.

²⁵ Disponível em: <https://ne-np.facebook.com/apropriasarawinter/videos/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-como-destruir-o-feminismo-um-curso-para-ovens-e-pais-d/2578683465759390/?extid=SEO---->. Acesso em 24 abr. 2021.

Figura 9: Focos do curso.



Fonte: Instagram de Sara Winter.²⁶

Por fim, na *Figura 9* observa-se as seguintes características: o uso de termos como “ideologia de esquerda” e “esquerdistas”, sem denominar qual seria o conceito de esquerda utilizado; o não esclarecimento quanto à história de qual feminismo é proposto e sua localidade, e, para além, o vácuo para qual vertente feminista Winter se dirige. Ademais, em sua visão o ambiente acadêmico mostra-se ora extremamente hostil para os conservadores, que precisam aprender a sobreviver na academia ou nas escolas, ora dominado por esta “ideologia”, que necessita de pessoas que aprendam e desenvolvam suas virtudes para combatê-la.

No dia 27 de novembro, Sara Winter faz divulgação de um novo curso denominado “Destruindo o Globalismo”, com a seguinte descrição:

ATENÇÃO GALERA!/ Vou te ensinar os melhores argumentos para DESTRUIR O GLOBALISMO!/ Você tem dificuldade para entender, identificar e argumentar contra os principais braços do Globalismo?/ Eu sentar contigo e te ensinar tudo sobre isso!/[...]/ Bônus: 1) Aula sobre a Teoria dos 3 poderes de Olavo de Carvalho/ 2) Aula Como sobreviver na Universidade Federal/ 3) Aula A importância da Vida Adulta/ [...]/ 5) Todos as aulas da Jornada O lado Negro da Esquerda/ [...]/ 3 E-BOOKS PARA POTENCIALIZAR SUA CAPACIDADE ARGUMENTATIVA! / As 40 frases mais bizarras do Feminismo: o movimento feminista tem enganado

²⁶ Disponível em: <https://ne-np.facebook.com/apropriasarawinter/videos/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-como-destruir-o-feminismo-um-curso-para-jovens-e-pais-d/2578683465759390/?extid=SEO---->. Acesso em 24 de abri. 2021.

muitas meninas e mulheres ao redor do mundo através de sua doce propaganda sobre liberdade, igualdade e empoderamento. E se alguém estudasse mais de 60 livros feministas e separasse os piores trechos envolvendo a destruição da família, dos homens, de Deus e até o apoio a pedofilia? Esse livro virtual será um divisor de águas para você que tem uma irmã ou filha feminista ou que simplesmente quer destruí-las em um debate. [...]

Segundo Laura Pontes J. Pena (2019, p. 374), definir a palavra globalismo torna-se extremamente difícil, pois além de possuir diversos significados, nenhum é tido como aquele que possa considerar-se correto. No entanto, é de se destacar que por meio de indivíduos como o ex-chanceler Ernesto Araújo e o pensador Olavo de Carvalho, esse conceito acaba por ganhar cada vez mais destaque, e por meio disso, um significado coerente para aqueles adeptos à ideologia presente no governo de Jair Messias Bolsonaro, entre eles a própria Sara Winter. Portanto, o globalismo,

Segundo Olavo de Carvalho, caracteriza-se enquanto um projeto de unificação mundial de ambições globais em busca de um governo de poder global. Olavo define globalismo como: “o processo mais vasto e ambicioso de todos. Abrange a mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral, e até das reações mais íntimas da alma humana. (CARVALHO, 2009 *apud* PENA, 2019).

Inclusive, vale destacar a estima que Olavo sugere ter por Sara Winter. Em uma de suas postagens do dia 20 de junho de 2020, Sara fez questão de destacar a frase de como o filósofo se refere a ela, sendo ela: “A Sara Winter e a Escrava Anástacia são as personagens femininas mais notáveis da História do Brasil. Há, é claro, quem prefira a Suzanne Richthoffen”²⁷.

Segue-se, assim, imagens postadas por Sara Winter em seu perfil do Instagram a fim de divulgar seu curso contra o Globalismo que se dedica a temas principais como a guerra semântica; a militância; o feminismo; o aborto; e a ideologia de gênero.

Figura 10: Apresentação do curso *Destruindo o Globalismo* no perfil de Sara Winter.

²⁷ Infelizmente, não há mais como acessar essa imagem devido a perda do perfil da mesma, o que pode ser visualizado por meio deste link: https://www.instagram.com/p/CPI9_s-Nqqq/.



Fonte: Instagram de Sara Winter.²⁸

Ademais, retenho minha pesquisa em mais dois tópicos fundamentais para compreender ainda melhor o pensamento de Sara, dando enfoque em mais um de seus cursos e em algumas respostas que ela dava aos seguidores quando os mesmos a questionavam sobre alguns tópicos fundamentais ligados ao feminismo. O curso em questão, divulgado no Dia Internacional das Mulheres (8 de março de 2020?), denominava-se um aulão chamado COMO SER UMA Mulher de Verdade, acompanhado da seguinte frase: DÊ ADEUS A FEMINISTA ENRUSTIDA QUE ESTA DENTRO DE VOCÊ. Outra frase de destaque em outra publicação sobre o mesmo tema era: Não basta apenas acabar com o feminismo, é preciso descobrir o que significa ser uma mulher de verdade!

De fato, essa perseguição pela verdade imutável e que destruiria teoricamente qualquer vertente feminista não é uma coisa nova nas publicações de Winter, pelo contrário, torna-se até um clichê analisando suas postagens em geral. No entanto, uma coisa aparece diferente: a ideia de que há como SE TORNAR uma mulher, ou seja, parte do pressuposto de que há pessoas que mesmo sendo do sexo feminino não podem ser caracterizadas como mulher, o que também se mostra contraditório quando se recorda o que ela mesmo defende, ou seja, a ideia de que o sexo determina o ser.

Segue as imagens do “aulão”, destacando entre elas o seu título, a caracterização do que poderia desclassificar uma mulher como sendo de verdade e a relação disso com o feminismo. Para ela, é necessário remodelar-se e descobrir-se mulher por meio de suas

²⁸ Como fora dito, esse perfil foi perdido pela administradora, logo, não há como acessá-lo. O curso também não foi disponibilizado em outra rede social, como o *Facebook*.

atitudes, assumindo a sua essência feminina. Mas qual essência seria essa, afinal? De onde veio? Por que há mulheres que possuem muito e outras que precisam aprender a possuir? A resposta, para Winter, está na influência do feminismo e, portanto, no conteúdo da *live* ela traz algumas de suas concepções sobre a dita Revolução Sexual, Sufrágio, Simone de Beauvoir, entre outros.

Figura 11: Divulgação 1



Fonte: Instagram desativado. Acesse site.²⁹

Figura 12: Divulgação 2



Fonte: Instagram desativado. Acesse site.³⁰

²⁹ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 24 de abri. 2021.

³⁰ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 24 de abri. 2021.

Figura 13: Divulgação 3³¹

Fonte: Instagram desativado. Acesse site.³³

Figura 14: Divulgação 4³²

Fonte: Instagram desativado. Acesse site.³⁴

Figura 15: Divulgação 3



Fonte: Instagram desativado. Acesse site.³⁵

Figura 16: Divulgação 4



Fonte: Instagram desativado. Acesse site.³⁶

³¹ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 19 de ago. 2021.

³² SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 19 de ago. 2021.

³³ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 24 de abril. 2021.

³⁴ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 24 de abril. 2021.

³⁵ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 19 de ago. 2021.

³⁶ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 19 de ago. 2021.

Figura 17: Divulgação 5



Fonte: Instagram desativado. Acesse site.³⁷

Por fim, é relatado algumas de suas ideias sobre algumas temáticas que se relacionam com o feminismo, sendo elas: a concepção errônea do que seriam as lutas feministas, satirizadas por Winter; a negação da cultura do estupro e também da diferenciação entre os vários feminismos, tópico já abordado aqui; o feminicídio, que para Sara não existe; e, por fim, um suposto aconselhamento para as famílias em questão do feminismo. Vale destacar que as caixas de perguntas são um acessório do Instagram para que o dono do perfil tenha mais intimidade com seus seguidores. No entanto, essas respostas só ficam disponíveis por 24 horas, ou seja, não podem ser visualizadas publicamente se passado do tempo, portanto, não possuem notas de rodapé.

Como pode ser visualizado através das imagens a seguir, para ela, as lutas feministas se resumem em estereótipos esdrúxulos como: matar bebês; a ideia de transar sem responsabilidade; ser “gorda e feia” e obrigar as pessoas a acharem bonito; a destruição do cristianismo, da feminilidade, da heterossexualidade, da família natural e a subjugação dos homens. Para além, ela nega a cultura do estupro e o considera um termo para desinformar, assim como o feminicídio, considerado para esta uma aberração semântica, sem relação com o real.

³⁷ SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em 19 de ago. 2021.

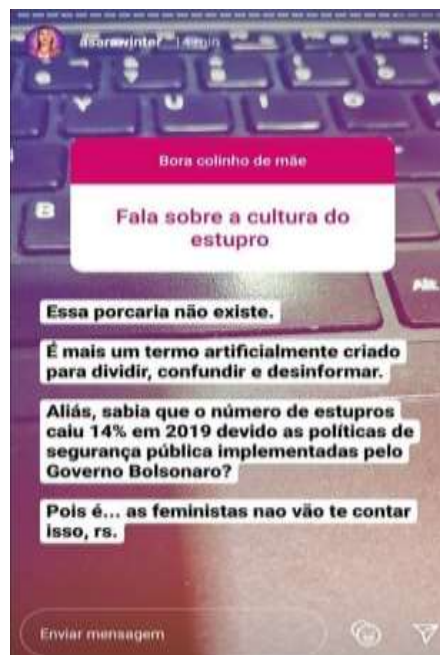
Para além do lançamento de seu filme “A vida de Sara”³⁸, não abordado aqui por questões metodológicas, deve-se ressaltar brevemente alguns episódios que Winter recebeu considerável destaque midiático. São eles: a liderança do grupo denominado “300 do Brasil”³⁹; sua prisão pela PF em Brasília, ocorrida em junho de 2020⁴⁰; e sua gradual desvinculação do Governo Bolsonaro.

Figura 13: Sátira as lutas feministas.



Fonte: Stories do Instagram de Sara Winter.

Figura 14: Negação da cultura do estupro.



Fonte: Stories do Instagram de Sara Winter.

³⁸ LUMINE: Assine agora para ter acesso ao filme e a diversos conteúdos do lançamento de A Vida de Sara. Um testemunho - sem cortes e sem censura - sobre a dor da queda e a esperança do recomeço. [S. 1.]; 2021. Disponível em: <https://lançamento.lumine.tv/sara>. Acesso em: 26 ago. 2021.

³⁹ LUCAS BORGES TEIXEIRA (São Paulo). UOL. O que é 300 do Brasil, grupo de extrema-direita liderado por Sara Winter. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/15/o-que-e-300-do-brasil-grupo-de-extrema-direita-liderado-por-sara-winter.htm>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁴⁰ JOÃO PEDROSO DE CAMPOS. VEJA. Sara Winter é presa pela PF em Brasília Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonarista-sara-winter-e-presa-pela-pf-em-brasilia/>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

Figura 15: Negação do feminicídio.



Fonte: Stories do Instagram de Sara Winter.

4.2 ANA CAROLINE CAMPAGNOLO

4.2.1 A PERVERSÃO E A SUBVERSÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES

Ana Caroline Campagnolo, para além de seus cursos, discursos exaltados e entrevistas em programas de rádio, possui como principal foco de divulgação seu próprio livro, *Feminismo: Perversão e Subversão*. Através dele, Campagnolo conseguiu não só um público numérico relevante em suas redes, mas um sucesso considerável de vendas pela Amazon. Por conta disso, a pesquisa realizada desenvolveu uma análise crítica e metodológica com relação apenas ao primeiro capítulo, visando ora um recorte necessário, ora por meio disso a tentativa de criação de um modelo de raciocínio que se seguiria ao decorrer dos outros tópicos.

No início do capítulo, designado *Contestação moral-religiosa e educação*, ela propõe: “Para o correto entendimento da trajetória da ideologia feminista, [...] uma revisão histórica e bibliográfica das obras e textos que construíram o movimento ao longo

dos séculos.” (CAMPAGNOLO, p. 35, 2019) E para isso, em suas notas, também aconselha veemente que seu leitor realize a leitura de *A Revindicação dos Direitos das Mulheres* de Mary Wollstonecraft (1791), e outras leituras feministas. Seu objetivo real, no entanto, delimitado mais detalhado no final, não é nada mais do que comprovar a tese – falaciosa, advinda de uma confusão de consequência e causa⁴¹ – que,

[...] Dois argumentos de Wollstonecraft revelam-se equivocados, mais ainda assim são as sementes do feminismo moderno: (a) a escola pública, **que deve usurpar o lugar da família**, é fundamental para a estratégia feminista como ferramenta da engenharia social, e (b) **a ideia de que todas as diferenças e preferências entre homens e mulheres são resultado da educação e da cultura é um dos pilares teóricos da ideologia de gênero**. (CAMPAGNOLO, p. 73, 2019, grifo nosso).

O mesmo ocorre com a própria biografia de Mary Wollstonecraft, que para além de Ana citar aspectos da vida pessoal da autora como julgamento, como quando afirma que as opções de sua vida demonstram pouco respeito pelo cristianismo, (CAMPAGNOLO, 2019) ou propor a ideia anacrônica de que “Wollstonecraft escandaliza mais as feministas atuais ao afirmar que as mulheres jamais serão totalmente independentes dos homens, ainda a classifica como “iluminista e deísta, mais anarquista do que republicana, mais republicana do que monarquista.” (p.37, 2019). Mostra-se aqui, para além dos anacronismos corriqueiros, o argumento falacioso denominado *ad hominem*⁴², ou seja, quando atacamos o argumentador e não o argumento. (SAGAN, 2018).

Para além de uma análise um tanto inédita quanto a Wollstonecraft, se não enviesada com base em opiniões particulares e conceitos formados fora da análise crítica conceitual historiográfica, é possível observar a contradição entre a falta de fontes e as muitas considerações advindas de um meio desconhecido. Que tipo de iluminismo se caracterizaria Mary? Deísta, por que? De que tipo de anarquismo se fala? Quais atitudes dela podem ser aderidas a esse movimento? Se republicana, por meio de quais motivos? E por que a dualidade? São inúmeras as questões que um historiador pode formular quando em contato com uma fonte história tão controversa. “A argumentação não é suficiente para a descoberta de novos trabalhos, pois a sutileza da natureza é muitas vezes maior do que a sutileza dos argumentos”. (SAGAN, p. 243, 2018 *apud* Francis Bacon,

⁴¹ SAGAN, p. 248, 2018.

⁴² Da expressão latina que significa “ao homem”.

1620).

Ainda insistindo nestes aspectos contraditórios, acaba por envolver outro personagem, Edmund Burke que, para ela, é o “pai do conservadorismo inglês”⁴³,

A relação de Burke com o fortalecimento do profeminismo do século XVIII deve-se ao fato de que a fama de seus escritos provocou a desaprovação de uma conterrânea sua e inimiga declarada do regime monarquista. Mary Wollstonecraft, que visitou a França durante o período revolucionário, leu as principais obras de Burke e tentou refutá-las. **Com contornos anarquistas e individualistas**, Mary publicou, em 1792, a dita obra inaugural do movimento feminista: *Vindication of the Rights of Woman (Reivindicação dos direitos da mulher)*. [...] (CAMPAGNOLO, p. 38, 2018, grifo nosso.).

Alguns aspectos devem ser analisados: primeiro, o fato de que não há uma relação direta entre Edmund Burke e o fortalecimento do profeminismo, visto que não foi a “fama de seus escritos” que lhe causaram desaprovação, mas sim a crítica de Burke ao Reverendo Richard Prince, velho amigo de Mary que publicou “*A Discourse on the Love of our Country* (1789). Essa crítica, por sua vez, não levou Wollstonecraft a escrever a obra citada por Campagnolo, mas sim *A Vindication of the Rights of Men* (1790). Foi só no ano seguinte, 1791, que a mesma começa a elaborar *Reivindicação dos direitos das mulheres*, que na segunda edição (1792), inclusive, foi dedicada ao diplomata francês Charles Talleyrand em resposta a Jean-Jaques Rousseau, John Gregory, James Fordyce, entre outros. E, para além, só foi em 1792 que a mesma visita Paris, onde conheceu Tallerastrand, Thomas Paine e Helen Maria Williams. (MIRANDA, 2015). Além disso, os contornos anarquistas e individualistas que Campagnolo cita⁴⁴, não são referenciados ou citados ao decorrer de sua obra.

Partindo da análise da obra e não de aspectos biográficos, destaco alguns trechos do tópico *O perfil das mulheres dos Setecentos: privilegiadas, não oprimidas* que merecem significativa atenção. Vale lembrar que Campagnolo intercala suas ideias com citações aleatórias da autora sem a devida contextualização, justamente para dar corpo às suas opiniões, ou seja, de que não havia opressão. No decorrer do texto ela apresenta como base [como será citado mais adiante] a obra *O Sexo Privilegiado*, de Martin Van

⁴³ O que ela não expõe, no caso, é que a palavra “conservador” não fazia parte do vocabulário político naquele período. Assim, o próprio Burke, no caso, era incapaz de considerar-se conservador. Sua ligação com o conservadorismo fora construída no século XX. (KURK, 2013)

⁴⁴ Não há como haver questionamento sem fontes que o comprovem, portanto, essa passagem não será analisada justamente por não ter conteúdo.

Crevelde:

Em linhas gerais, a autora defende que a dificuldade e a necessidade, se encorajadas, motivam o desenvolvimento de inovações. [...] Para que as mulheres pudessem demonstrar o melhor de si mesmas, Mary acreditava que era preciso que delas fosse exigido o mesmo que se exige dos homens. Essa primeira premissa pontua uma clara distinção da reivindicação: as mulheres estariam sob a *casca social protetora* e não opressora. (CAMPAGNOLO, p. 46, 2018)

Sobre a condição das mulheres, segundo a sua interpretação e opinião da obra, ela diz:

Eram tantas as mordomias – e tão poucas responsabilidades – da mulher casada no final do séc XVIII, que Mary as considerava um impedimento à maturidade e ao desenvolvimento do caráter em nível mais profundo, o que resultava em “déspotas”, na melhor das hipóteses e mimadas na pior delas. Esse “impedimento” é para os ricos da mesma forma que para a mulher. “Felicidade é quando as pessoas têm de lutar contra as preocupações da vida, pois estas evitam que se convertam em presas dos vícios, simplesmente pela ociosidade”. A autora insiste nessa comparação entre a vida da mulher casada e a mordomia dos nobres.” Embora as leis do período, em toda a Europa, ainda restringissem às mulheres uma série de direitos à propriedade privada e à herança, [...] **não há parágrafos queixando-se da violência ou do abuso sexual, não há trechos pedindo por salários iguais, não há reclamações sobre a falta de oportunidades no mercado de trabalho.** Para a autora, a questão central é: **os homens estão mimando tanto essas mulheres que elas não têm interesse por nenhum pelos filósofos iluministas ou pelo exercício da razão, tornaram-se fúteis e até amantes andam por arrumar. Basicamente, o grupo da suposta primeira feminista foi: É muita moleza para essas dondocas!”** (CAMPAGNOLO, 2018, p. 46-47, grifo nosso).

Comparadas à situação de um exército em podridão, ou a uma escrava [burro de carga], que paciente com suas tarefas, como um cavalo cego no moinho, defraudada pela justa recompensa, a mulher do século XVIII descrita por Wollstonecraft não é a mesma abordada por Campagnolo, e isso se dá por várias razões. A ideia da “*casca social protetora*” oferece uma contradição a opressão, e isso é justamente o contrário do que Wollstonecraft afirma em sua obra. A dominação, a obediência cega, o medo, a sujeição moral, são temas fundamentais da *Reivindicação* e o motivo da sujeição das mulheres:

A conclusão que eu desejo tirar é óbvia; **faça das mulheres criaturas racionais**, e cidadãs livres, e elas rapidamente serão boas esposas e boas mães; isto é – se os homens não negligenciarem seus deveres de marido e pai. [...] pois eu acho que o mundo feminino é oprimido; ainda mais a gangrena, que os vícios engendrados pela opressão produziram, não é confinada à parte mórbida, mas penetra na sociedade amplamente: [...]”. (WOLLSTONECRAFT, 2015, p.250, grifo nosso).

Também não há nenhuma menção à ideia de uma exigência igualitária [citada por Campagnolo] – afinal, exigência de quê? – para ambos os sexos, visto que a própria Mary, em sua argumentação pela educação mista, defende que após os nove anos de idade os dois sexos ainda estudariam juntos de manhã, mas que pela tarde elas deveriam comparecer a uma escola onde a costura e a confecção de vestimentas seriam a sua função. (WOLLSTONECRAFT, 2015). Em outra passagem da autora (2015, p.247), observa-se: “As mulheres, eu aceito, podem ter diferentes deveres a cumprir; mas eles são deveres *humanos*, e os princípios que devem regular a execução deles, eu mantenho firmemente, devem ser os mesmos [para o masculino e feminino].”

Anacrônico e falacioso, o pressuposto de que “não há parágrafos queixando-se da violência ou do abuso sexual, não há trechos pedindo por salários iguais, não há reclamações sobre a falta de oportunidades no mercado de trabalho” é totalmente inválido, visto que a tentativa de Mary era de provar por meio da argumentação de que as mulheres, primeiramente, deveriam ser tratadas como seres racionais, ou seja, como exigir salários iguais, oportunidades etc, sendo que a própria racionalidade e *condição humana* lhes era negada? Segundo Charlotte Godon (2020) a agressão contra as mulheres, denominada *wife beating*, não era proibida pelo *common law* (direito costumeiro e não registrado por escrito da sociedade inglesa), por ser entendido como um direito legítimo dos homens da época e comum impô-las disciplinas como socos e pancadas. Ainda segundo a autora, os chimpanzés (e outros animais) ganharam proteção legal em 1824, vinte anos antes da aprovação da primeira lei que limitava, mas não proibia, a violência contra mulheres.

Quando relacionado ao contexto feminino geral daquele período, na verdade, Olympe de Gouges já afirmava que homens e mulheres deveriam usufruir das mesmas oportunidades de trabalho, assim como Wollstonecraft (2015, p.211 e 346) também esperava que as mulheres se tornassem independentes e tivessem mais oportunidades de emprego [não servis], assim como em medicina ou obstetrícia. E quanto aos filósofos iluministas, tais como Jean Jacques Rousseau, não são indicados às mulheres, mas sim criticados por Wollstonecraft por sua influência negativa sobre as mesmas no capítulo V: *Críticas a alguns escritores que tornaram as mulheres objetos de piedade, beirando o desprezo*.

A ideia da comparação com a nobreza parece um tanto equivocada, pois para

Wollstonecraft (2015, p.348) seus membros são os mesmos que disseminam “as sementes do falso refinamento, da imortalidade e da vaidade. [...] seres fracos e artificiais, [...] corroem o fundamento da virtude e espalham a corrupção por toda a massa da sociedade!” e como não possuem “redenção”, seu texto requer a atenção da classe média. Há apenas uma comparação entre o rei e as mulheres, mas a mesma é em âmbito racional (no que se refere a falta deste e a redução da condição humana desses indivíduos, o primeiro a seu título, a segunda a seu sexo), não de condição ou qualquer outra característica, como uma “mordomia” (palavra aliás não utilizada em nenhum momento da obra). Para ela (p.89, 2015), “Um rei é sempre um rei – e uma mulher sempre uma mulher – a autoridade dele e o sexo dela sempre se colocam entre eles e as conversas racionais.”

Outro aspecto que Campgnolo tenta defender é a ideia de que, para além de deverem os aspectos confortáveis de sua vida aos homens, quem se manifestava contrária aos ideais da época também devia esse direito a eles, pois se as primeiras mulheres conseguiram voz para se manifestarem publicamente foi por meio de religiosos cristãos. O que se mostra um tanto equivocado, tanto pelo fato de que sua afirmação dá margem à crítica feminista, - de que as mulheres só tinham voz quando próximas aos homens -, como pela própria biografia de Wollstonecraft e de Gouges, por exemplo. A primeira, publicou sua obra devido ao seu emprego como crítica e editora, e a segunda que, em sua condição aristocrática, escrevia peças e panfletos anonimamente:

Historicamente, as mulheres viveram em condições geralmente mais confortáveis que os homens. O historiador holandês e teórico militar israelense Martin van Creveld (1946-) realizou uma vasta pesquisa que resultou em um verdadeiro catálogo da condição feminina desde milênios atrás. [...] Todos os períodos narrados demonstram a tese do autor que, quando existe um equilíbrio demográfico [...] a numérica existência das mulheres “é resultado de os homens proporcionarem às mulheres as amenidades da vida civilizada”. Até porque, em condições mais bárbaras, as mulheres acabam morrendo primeiro. **Se elas vivem mais hoje é porque muita felicidade foi erguida sobre os ombros de escavadores, mineradores e construtores homens.”** (CAMPAGNOLO, p. 42-43, 2018, grifo nosso).

Partindo desta premissa, inclusive da opinião de que Wollstonecraft também argumentava que havia muita “mordomia” para as mulheres de seu século, ao afirmar que, se comparar a mulher burguesa à um camponês, ela não tinha o que reclamar, Campagnolo também argumenta no tópico *A fraude da educação mista igualitária*, tendo como base o filme os 300 de Esparta e a obra *o Sexo Privilegiado* de Martin Van Creveld [já citado], que a educação masculina era muito mais rígida que a feminina na

Antiguidade, “não há registros de uma cultura que aplicasse uma educação mais violenta às meninas do que aos meninos.” (2018, p.56). Outro exemplo oferecido é com relação à Idade Média, seguindo de outra citação de Creveld:

Durante a Idade Média, os meninos com menos condições se obrigavam a trabalhar como aprendizes, ou seja, aprender para trabalhar. **As meninas, por sua vez, tinham o privilégio de optar por não ir e, se desejassem muito ir, geralmente faziam-no em oficinas mais próximas de casa e mais confortáveis. Na modernidade, os privilégios femininos continuaram.** (CAMPAGNOLO, p. 57, 2018, grifo nosso.)

No entanto, atualmente, para além da concepção de que “a escassez de testemunhos sobre o comportamento e as atividades das classes subalternas é com certeza o primeiro – mas não o único – problema do historiador” (GINZBURG, 2006, p. 11), o historiador medievalista Georges Duby, em *As damas do século XII* (2013), expressa algumas problemáticas relacionadas ao estudo das mulheres no medievo. A grande maioria dos testemunhos utilizados como fontes até século XIII, em caráter francês, são caracterizados não só por manterem uma visão restrita da sociedade com relação à nobreza – as damas –, mas por serem oficiais e escritos por homens, ou seja, por meio do seu intermédio de olhar e a maneira com que queriam que fossem expressos.

Por meio disso, vemos que essa tese do privilégio feminino não se sustenta. Duby afirma que no século IX a mulher, para o mundo monástico, era entendida como um pecado, um fruto proibido. (DUBY, 2013). Argumenta, por meio de uma história contada pelo cronista inglês Rauol de Coggeshall, quando o cônego Gervais de Tilbury passa pela região de Champagne e se encontra com uma moça considerada por ele atraente. Depois de tentar seduzi-la pelos meios cortesões, acaba por forçá-la, tratando-a com rudeza. Esta, recusa-se. No entanto, as cenas que se seguem são surpreendentes. Como uma mulher pode resistir a um homem? Ainda mais a um cônego? Considerada anormal e herética por conta disso, ela foi denunciada, presa, julgada e, conseqüentemente, queimada. Por meio deste exemplo observa-se tanto a problemática que se insere em generalizar a condição feminina de um período, como a falta de conhecimento sobre os estudos (ainda considerados recentes) da condição feminina no medievo.

Dando continuidade à sua argumentação, Campagnolo (2018) considera que não houve desigualdade na educação entre homens e mulheres, mas que as meninas só não participavam pois o ambiente estudantil não era agradável o suficiente, e que, “não

pretende demonstrar que todas as mulheres são incapazes de chegar ao mesmo patamar intelectual dos homens, mas tenho minhas dúvidas quanto a se a maioria delas está disposta a grandes sacrifícios por uma vida intelectual – e profissional – de destaque” (p.49, 2019).

Outros aspectos, é claro, são de destaque e mereciam mais atenção, como o tópico *O papel essencial da mulher é ser mãe*, em que a autora contrapõe anacronicamente as ideias de Mary Wollstonecraft as de Simone de Beauvoir (p. 64, 2019), ou com outras feministas atuais que visam “livrar as mães das responsabilidades por seus filhos e maquiar a revolução sexual (p.52, 2019); e a ideia de que qualquer mulher que tenha nascido em um lar sadio, dificilmente chegaria à uma conclusão diferente de Mary sobre a libertinagem (p.51, 2019) – o que se torna estranho visto que Mary teve uma família conturbada –, que segundo ela difere de Betty Friedan, Virgínia Woolft e Gloria Steinem.

Em *A educação pública como instrumento de transformação social*, ela afirma que o argumento central de Mary Wollstonecraft em defesa da educação pública se resume na sua crença na incapacidade dos pais de conduzirem sozinhos os seus filhos à razão, plantando o distanciamento entre pais e filhos através disso. No entanto, não é necessária uma longa base argumentativa para comprovar que Mary dizia justamente o contrário desta opinião, e, portanto, insere-se aqui suas próprias palavras,

Violentamente impressionada pelas reflexões com que o ponto de vista das escolas, assim como são conduzidas no presente, [...] eu anteriormente expressei minha opinião um tanto calorosa a favor da educação privada; contudo, mais experiência me levou a ver o assunto sob uma luz diferente. Eu ainda, no entanto, penso nas escolas, da forma como estão regulamentadas, como estufas do vício e da insensatez. [...] A única forma de evitar os dois extremos [que são] igualmente prejudiciais à moralidade, seria inventar uma forma de combinar a educação pública e a privada. Assim, para fazer dos homens cidadãos, dois passos naturais devem ser tomados, [...] pois as afeições domésticas, que primeiro abrem o coração às várias modificações da humanidade, seriam cultivadas, enquanto as crianças fossem, todavia, permitidas a passar grande parte do seu tempo, em termos de igualdade, com outras crianças.” (WOLLSTONECRAFT, p. 226-227, 2015).

E quanto a importância do lar, Wollstonecraft afirma:

“Então, para inspirar amor ao lar e aos prazeres domésticos, as crianças devem ser educadas em casa, pois as férias descomedidas apenas fazem as crianças gostar da casa pela simples razão de ser sua casa. Além das férias, que não nutrem as afeições domésticas, continuamente atrapalham o curso dos estudos, e tonarem qualquer plano de melhoramento abortivo, incluindo a temperança: mesmo assim, se fossem abolidas, as crianças seriam inteiramente

separadas de seus pais, e eu questiono se eles se tornariam melhores cidadãos ao sacrificarem as afeições preparatórias, ao destruírem a força dos relacionamentos, que tornam o estado do casamento tanto necessário quanto respeitável. [...]”. (WOLLSTONECRAFT, p. 231, 2015).

Por último, destaco duas observações realizadas por Campagnolo que se mostram pertinentes nesta pesquisa. A primeira, refere-se ao contexto histórico de Wollstonecraft, e sua opinião sobre ela e os iluministas, não definindo quais e de que maneira. A falta de documentação é notória:

Independente do objetivo que pretendiam alcançar com a educação pública, o grande erro dos iluministas como Wollstonecraft e de seus contemporâneos, nos séculos XVIII e XIX, é que cultivavam uma espécie de esperança desmedida do progresso e na universalização da educação. [...] **Nesse aspecto, Mary Wollstonecraft partilha a utopia de qualquer revolucionário.** (CAMPAGNOLO, p. 53, 2018, grifo nosso.)

Já foi referido anteriormente a falácia denominada confusão de correção e causa. Novamente, ela aparece não só seguida de um anacronismo, mas da falta de alguma documentação que possa dar base ao argumento. E, para além, há a exclusão do meio-termo ou a dicotomia falsa – considerando apenas os dois extremos num *continuum* de possibilidades intermediárias.⁴⁵ Das feministas citadas a seguir também não há citação de suas origens ou obras usadas.

Por fim, para além de seu arcabouço teórico, e também visando a análise dos acontecimentos que permearam a reta final deste trabalho, são mais dois de seus cursos que se mostram interessantes de serem destacados: o primeiro, chamado Clube Campagnolo 2.0⁴⁶, que possui 40 horas de desenvolvimento, e suas características bibliográficas, bem políticas e sociais que se mostram bem claras em sua apresentação:

O Clube Campagnolo é uma plataforma de educação política que mescla os conceitos de Curso Online com Clube de Leitura, contando com mais de 3 mil alunos matriculados na primeira edição. O Clube Campagnolo 2.0 é o segundo semestre de aulas, contando com 6 títulos básicos além de diversos materiais complementares. Nossos alunos podem adquirir ou não o Kit de Livros, sem prejuízos ao que nos propomos a ensinar. Nesse semestre serão abordados os seguintes mega-temas: Política, Fábula, Distopia e Revolução, Revolução, Ocultismo e Anticristianismo, Perseguição, Feminismo, Ideologia de

⁴⁵ SAGAN, p. 247, 2018.

⁴⁶ CLUBE CAMPAGNOLO. Clube antifeminista. Acesso em 23 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.clubecampagnolo.com.br/>.

Gênero.⁴⁷

Ainda mais importante para essa pesquisa, mostrou-se o novo curso ainda em desenvolvimento divulgado por ela como o maior projeto antifeminista da América Latina.⁴⁸ Vale lembrar que temas como esse já eram discutidos por ela no Clube Campagnolo 2.0 como vistos anteriormente. No entanto, além de já ter dito que possui interesse em publicar mais um livro sobre o tema, uma boa parte de sua popularidade advém desse tema, portanto, pode ser investido ainda mais nos próximos meses. Vale destacar que o curso se mostra presente no projeto Clube Campagnolo em geral.

A seguir, há duas imagens referentes ao curso: a primeira, contendo desenhos de estereótipos feministas, e a segunda, com mais informações sobre ele e o conteúdo que será estudado:

Figura 16: Clube Antifeminista (Divulgação)



Fonte: Site do Clube Campagnolo.⁴⁹

⁴⁷ CLUBE CAMPAGNOLO. Clube antifeminista. Acesso em 23 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.clubecampagnolo.com.br/>.

⁴⁸ Acesso em 23 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSsoeLQsdO3/>.

⁴⁹ CLUBE CAMPAGNOLO. Clube antifeminista. Acesso em 23 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.clubecampagnolo.com.br/feminismo>

Figura 17: Clube Antifeminista (Divulgação)



Fonte: Site do Clube Campagnolo.⁵⁰

Merecido destaque houve em seu Instagram, onde o curso foi consideravelmente bem recebido pelos seus seguidores. Algo mais interessante e chamativo ainda são as imagens estereotipadas, o linguajar mais leigo e ao mesmo tempo pedante de suas legendas, pois não há informações verídicas e o modo com que ela apresenta a convicção de que seus projetos são uma espécie de “porta-voz” do movimento antifeminista no Brasil. A “perseguição” às antifeministas como ela mostra-se como foco dessas publicações:

⁵⁰ CLUBE CAMPAGNOLO. Clube antifeminista. Disponível em: <https://www.clubecampagnolo.com.br/feminismo>. Acesso em 23 de ago. 2021.

Figura 18: Divulgações



Fonte: Instagram de Ana Campagnolo⁵¹

Figura 19: Mais divulgações



Fonte: Instagram de Ana Campagnolo.⁵²

Na figura 18, observa-se a seguinte legenda:

Em 2011 eu queria estudar sobre o antifeminismo e não sabia o que ler. Publiquei um livro, em 2019, para que você não precisasse passar por isso./Em 2013, uma professora feminista abandonou a orientação da minha dissertação de mestrado porque eu não era engajada no movimento./Eu me sentia acuada, isolada, injustiçada e praticamente sozinha. Se depender de mim, ninguém mais se sentirá assim por causa do feminismo. Aguarde.”

Agora, na figura 5, o tom de acusação ao feminismo já se altera para a suposta explicação do que é o movimento e suas características gerais. Pode se dizer que na primeira imagem, detecta-se o inimigo e a maneira com que ele “perturba” a ordem social, na segunda, o motivo de se pensar na sua destruição, pois leva-se a entender que não há

⁵¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSwYPo9rZpT/>. Acesso em 23 de ago. 2021.

⁵² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CS0AdEFFoms/>. Acesso em 23 de ago. 2021.

benefício algum em mantê-lo. Segue a legenda:

Dizem por aí que existem muitas vertentes do feminismo, mas o que você precisa saber é que existem dois tipos de feminista./A feminista de elite é quem aparece na TV, usa os jargões de empoderamento e contesta a vida simples e familiar que a maioria das mulheres têm. Ela frequenta a casa dos poderosos, janta com os financiadores e publica livros sobre como você pode ser a rainha do mundo. Sua roupa é de grife. Ela tem bons advogados./Já a feminista militante vive sonhando com a igualdade que a feminista de elite prometeu. Essa inocente criatura sabota seus pais, familiares e amigos toda vez que eles falam ou fazem alguma coisa que a cartilha do movimento proíbe. Ela não tem um dia de paz, mal consegue sentar à mesa para jantar sem denunciar mil tipos de machismo. Sua roupa, seu cabelo e seu corpo são um protesto. Vive num eterno conflito com as pessoas que a amam de verdade e poderiam protegê-la de perto./Prepare-se, você vai fazer parte da maior comunidade que escapou dessa armadilha. Vem aí, o Clube Antifeminista.

Para além, atualmente, diferentemente de Sara Winter, Ana Campagnolo segue com o apoio ao Presidente Jair Messias Bolsonaro e suas pautas, como a exemplo do voto impresso, que acabou rejeitado pela Câmara no mês de agosto deste ano, sem atingir o mínimo de 308 votos favoráveis. A mesma mostra-se ativa nas redes sociais e crescendo em números de seguidores, especialmente depois da sua proposição contra a linguagem neutra no estado de Santa Catarina⁵³, aprovada pelo governador do Estado Carlos Moisés da Silva, também do PSL. Outra medida de destaque foi a tentativa de vetar a obrigação da vacinação contra a COVID-19⁵⁴ em SC que, segundo ela, é uma ameaça segregadora.⁵⁵

⁵³. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/06/18/governo-de-sc-proibe-linguagem-neutra-em-escolas-publicas-e-privadas.ghtml>. Acesso em 23 de ago. 2021

⁵⁴ Disponível em:

http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/vacinacao-obrigatoria-pode-ser-vetada-em-sc. Acesso em 23 de ago. 2021.

⁵⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSISo3_HwAd/ Acesso em 23 de ago. 2021.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, esta pesquisa visava a resolução de três problemas gerais, sendo eles: O que as antifeministas (Sara Winter e Ana Campagnolo, por seu destaque na mídia) definem como antifeminismo? Qual o conceito de feminismo proposto por elas e o que definem como comportamento feminino ideal? Quais seus objetivos perante a nova administração e ideologia governamental dominante? E como possíveis hipóteses para a resolução dos mesmos foram propostos: a busca pelo descrédito das narrativas feministas, sendo elas passadas por um filtro de estereótipos e generalizações equivocadas e extremamente parciais e religiosas, e a importância da definição do papel da mulher no governo de Jair Messias Bolsonaro (PSL). Outro fator de destaque para a disseminação desse conteúdo baseou-se na utilização das redes sociais, como o *Instagram*, *Facebook*, entre outros (qual?).

Com o foco nestes problemas, a introdução acabou por dar um corpo teórico breve da trajetória do antifeminismo no Brasil, que não pode ser visto como um fenômeno atual, mas resultante de uma série de influências externas e internas, como a exemplo das políticas de estado que desde o século XX, com o Estado Novo de Getúlio Vargas, possuíam como objetivo a construção de um ideal, tanto masculino como feminino, inseridos em um projeto de nacionalidade. Ademais, a partir da segunda década dos anos 2000, pode ser observado alguns acontecimentos esporádicos que já demonstravam o que viria a ser o antifeminismo atual, visualizado principalmente em manchetes que hora ou outra focavam em manifestações antifeministas nas ativistas em estudo.

Já em 2019 e nos anos seguintes, até agosto de 2021, mês da finalização desta pesquisa, vê-se um aumento significativo desses movimentos, e para melhor abordá-los, e também responder às perguntas inseridas acima, este trabalho fora dividido em dois capítulos. O primeiro deles, denominado *Conceitos Fundamentais*, voltou-se à análise do discurso antifeminista, tendo como estrutura uma breve contextualização dos métodos e técnicas de pesquisa em história para a elaboração de discursos e de que maneira se inserem, ou não, nesta narrativa analisada. Ademais, observou-se também o que foi denominado como feminismo por Campagnolo e Winter.

Este capítulo foi fundamental para a resolução do primeiro problema, embora, pela falta de definições das autoras, conjunto às generalizações e estereótipos, acabou deixando um vácuo no que seria, de fato, o antifeminismo, substituído apenas pelo que não é considerado o modelo ideal feminino para elas, ou seja, relegado ao inimigo que

deve ser combatido. Ainda neste tópico, houve a relevância das redes sociais para a disseminação desses discursos, visto que a maior parte dos analisados aqui foram perpetuados por meio delas. Outra temática brevemente analisada foi de que maneira essa categoria de discurso se insere no campo *bolsonarista*, possuindo ligação com o terceiro problema apresentado.

No segundo capítulo, denominado *As Propostas Teóricas e Midiáticas*, os tópicos foram necessariamente divididos em dois itens para que fossem analisados de maneira mais específica e objetiva. O primeiro deles, referente à Sara Winter, teve como enfoque os itens divulgados em suas redes entre novembro de 2020 até março de 2021, mais notadamente em seus cursos *on-line* oferecidos durante esse tempo. Nestas aulas, os objetivos permeavam entre a destruição do feminismo e do globalismo, fundamentais para ela, e, entre outros menos relevantes, destacou-se o “aulão” de como se tornar uma mulher de verdade. Ademais, também se observou seus comentários sobre assuntos como: cultura do estupro, feminicídio, as vertentes do feminismo e suas lutas, todos satirizados por ela. Com isso, mostrou-se a maneira com que o feminismo é proposto por Winter, com destaque para o último curso, que tratou de um modelo feminino ideal. Esta análise possibilitou refletir sobre o segundo problema.

O segundo tópico deste capítulo abordou um dos mais importantes referenciais quanto ao antifeminismo no Brasil, o livro *Feminismo: Perversão e Subversão* de Ana Caroline Campagolo. Com enfoque no primeiro capítulo de seu livro, buscou-se um modelo de raciocínio que poderia permear os próximos, juntamente com a análise crítica de como a autora desenvolve o tema, sua problemática com os fatos narrados, o predomínio do anacronismo e a utilização de um ideal a-histórico, ou seja, o emprego de figuras históricas em prol a uma tese já definida. Também foram apresentados dois de seus cursos, um voltado à política, e outro ao antifeminismo. Mais uma vez, outra proposta de feminismo é abordada, essa, no entanto, mais teórica, presumida e extensa.

Ainda sobre o terceiro problema, abordado principalmente no capítulo I, como já citado, com exceção de membros do governo aliados ao discurso antifeminista, a pesquisa mostrou-se insuficiente para abordá-lo, pois acabou por se tornar um assunto mais complexo, que se fosse debatido, necessitaria de mais tempo e acabaria se desenrolando em outros que não foram propostos nesta pesquisa. Portanto, a decisão de limitá-lo aos discursos da deputada Ana Campagnolo (PSL) e do vereador de BH Nícolas Ferreira (PRTB), representantes do governo e também próximos de Jair Messias Bolsonaro, mostrou-se mais eficaz.

Os resultados aqui apresentados, para além de confirmarem as hipóteses já visualizadas no início do projeto, apresentam um intenso desenvolvimento destes trabalhos antifeministas nas redes, especialmente de Ana Caroline Campagnolo, que visa, para além da publicação de livros, palestras e cursos, uma atuação pública com a formulação de projetos de lei no estado de Santa Catarina. Dito isso, é fundamental para os meios acadêmicos o interesse nestes grupos que visam cooptar a população mais leiga com discursos falaciosos e extravagantes, não só para obter um diálogo e apresentar uma resposta teórica de nível científico, mas também disputar junto a eles o dito “monopólio” discursivo, que, neste momento, se encontra ocupado pelos desenvolvedores de conteúdo midiático, especialmente os grupos aqui citados.

Dessa maneira, a história do tempo presente se mostra mais do que necessária, não apenas como artifício de pesquisa, mas como uma resistência e defesa do belíssimo e complexo fazer histórico, que se encontra ocultado e transgredido por métodos que não o representam.

DOCUMENTOS DIGITAIS

ANA CAROLINE CAMPAGNOLO

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RbhqYnJhb9A>. Acesso em 29 de abril de 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pidTj6HpsMU>. Acesso em 29 de abr. 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBtHRImRTD8>. Acesso em: 30 de abril de 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLdV4XKXyaQ&t=296s>. Acesso em 29 de abril de 2021.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSsoeLQsdO3/>. Acesso em 23 de ago. 2021.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSwYPo9rZpT/>. Acesso em 23 de ago. 2021.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CS0AdEFFoms/>. Acesso em 23 de ago. 2021.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSISo3_HwAd/ Acesso em 23 de ago. 2021.

SARA WINTER

Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHTqVpej4zH/>. Acesso em 21 out. 2020.

Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClyZE9TD8bl/>. Acesso em 23 out. 2020.

Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHkyMGhjP2u/>. Acesso em 23 out. 2020.

Como explicado anteriormente, não há como acessar essas informações via perfil público, no entanto, esse curso fora divulgado também no facebook, e pode ser acessado através do link:

<https://ne-np.facebook.com/apropriasarawinter/videos/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-como-destruir-o-feminismo-um-curso-para-jovens-e-pais-d/2578683465759390/?extid=SEO---->

Disponível em: <https://ne-np.facebook.com/apropriasarawinter/videos/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-como-destruir-o-feminismo-um-curso-para-jovens-e-pais-d/2578683465759390/?extid=SEO----> Acesso em 24 abr. 2021.

Disponível em: <https://ne-np.facebook.com/apropriasarawinter/videos/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-de-como-destruir-o-feminismo-um-curso-para-jovens-e-pais-d/2578683465759390/?extid=SEO---->. Acesso em 24 abr. 2021.

Infelizmente, não há mais como acessar essa imagem devido a perda do perfil da mesma, o que pode ser visualizado por meio deste link: https://www.instagram.com/p/CPI9_s-Nqqq/. Acesso em 24 de abr. 2021.

OUTROS

(Google Trends). Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=antifeminismo.>

Acesso em 24 abr. 2021.

(Google Trends). Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=ideologia%20de%20g%C3%AAnero.> Acesso em 24 abr. 2021.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. [S. l.]: Companhia das Letras: 2009.

AGÊNCIA AL. **Vacinação obrigatória pode ser vetada em SC**. Disponível em: http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/vacinacao-obrigatoria-pode-ser-vetada-em-sc. Acesso em: 23 de ago. 2021.

ASSIS, Romulo Fernando. **As influências nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos**: como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História. Orientador: Maurício Parada. 2020. 124 p. Dissertação de Mestrado (Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BOM DIA MINAS. G1 (2021). Vereador Nícolas Ferreira discursa sem máscara de proteção no plenário da Câmara em BH. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/11/vereador-nikolas-ferreira-discursa-sem-mascara-de-protecao-no-plenario-da-camara-de-bh.ghtml>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

BRASIL, Meteoro. **Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. 288 p.

CÂMARA MUNICIPAL BH. **Nícolas Ferreira**. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/vereadores/nikolas-ferreira>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: Perversão e Subversão**. 1ª. ed. [S. l.]: Vide Editorial, 2019. 404 p.

CECÍLIA EMILIANA. UAI. (2020). 2º vereador mais votado de BH, Nikolas Ferreira chama Duda Salabert de homem: 'É isso que está na certidão'. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/15/interna_politica,1205365/2-vereador-mais-votado-de-bh-nikolas-ferreira-duda-salabert-homem.shtml. Acesso em 23 de ago. 2021.

CHARTIER, R. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 37–47, 2008.

CLUBE CAMPAGNOLO. Clube antifeminista. Disponível em: <https://www.clubecampagnolo.com.br/>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

CLUBE CAMPAGNOLO. Clube Campagnolo, 2021. Disponível em: <https://www.clubecampagnolo.com.br/>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

CRUZ, Maria Helena Santana; FERREIRA, Alfrâncio D. **ANTIFEMINISMO**, *Revista de Estudos de Cultura*, v. 1, p. 33-42, 2015.

DUBY, Georges [1919-1996]. **As damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DOUGLAS, Mary. **Purity and Danger**. Reino Unido: Routledge, 1966. Tradução de Sónia Pereira da Silva.

FALUDI, Susan. **Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. [S. l.]: Rocco, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

G1 SC e NSC. GLOBO. **Governo de SC proíbe linguagem neutra em escolas públicas e privadas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/06/18/governo-de-sc-proibe-linguagem-neutra-em-escolas-publicas-e-privadas.ghtml>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

GORDON, Charlotte. **Mary Wollstonecraft e Mary Shelley. Mulheres Extraordinárias. As criadoras e a criatura**. [S. l.]: 1ª ed. Darkside, 2020.

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS. VEJA. **Sara Winter é presa pela PF em Brasília**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonarista-sara-winter-e-presa-pela-pf-em-brasilia/>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

JOVEM PAN. (2021) **Quem é o vereador que ‘representa o bolsonarismo’ na Câmara de Belo Horizonte**. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/quem-e-o-vereador-que-representa-o-bolsonarismo-na-camara-de-belo-horizonte.html>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

LANZIERI JÚNIOR, C. Ontem e hoje, o porta estandarte: reflexões sobre os usos do passado medieval, a estética bolsonarista e os discursos recentes da direita brasileira. **Roda da Fortuna**, v. 8, p. 161-180, 2020.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice. **VEJA**, [S. l.], 18 abr. 2016.

LUCAS BORGES TEIXEIRA (São Paulo). UOL. **O que é 300 do Brasil, grupo de extrema-direita liderado por Sara Winter**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/15/o-que-e-300-do-brasil-grupo-de-extrema-direita-liderado-por-sara-winter.htm>. Acesso em: 23 ago. 2021.

LUMINE: Assine agora para ter acesso ao filme e a diversos conteúdos do lançamento de A Vida de Sara. Um testemunho - sem cortes e sem censura - sobre a dor da queda e a esperança do recomeço. [S. l.]; 2021. Disponível em: <https://lançamento.lumine.tv/sara>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **Amanhã vai ser maior**: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. [s.i]: Planeta, 2019. 210 p.

MENESES, S. Negacionismos e Histórias Públicas Reacionárias: Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **OPIS**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–9, 2019. DOI: 10.5216/o.v19i2.55707. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/55707>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 21-35, 2 mar. 2020.

O LIVRO do feminismo. [S.I]: Globo Livros; 1ª Edição (6 Julho 2019), 2019. 352 p.

Pena, L. P. J. (2019). “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. *Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais*, 18(36), 371-386.

PEREZ, Fabíola. O movimento das anti-feministas: Surgem na internet comunidades de mulheres, a maioria jovens, que consideram o feminismo ultrapassado, radical e desnecessário nos dias de hoje. **ISTOÉ**, [S. l.], 8 ago. 2014

Ramos Flores, M. B. O PENSAMENTO ANTIFEMINISTA: A QUERELA DOS SEXOS. *História Revista*, 9(2), 2010.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**. 1.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SARA WINTER. Mulher de verdade. Disponível em: <https://sarawinter.com.br/mulher-de-verdade/>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2006, vol.14, n.3, pp.765-799.

SEVCENKO, Nicolau et al (comp.). **História da vida privada no Brasil (volume 3)**: república: da belle époque à era do rádio. [S.I]: Companhia das Letras, 1999. 726 p.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

TORRES, Aline. Professora de história antifeminista processa orientadora por "perseguição". **UOL**, [S. l.], 31 mar. 2017.

TREVOR-ROPER, Hugh. *Religião, Reforma e Transformação Social*. 2. ed., Lisboa:

Editorial Presença, Lda, 1971.

VINICIUS KONCHINSKI (Curitiba). UOL. **Caroline Campagnolo: "O feminismo é uma ameaça à civilização ocidental"**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/02/17/caroline-campagnolo-o-feminismo-e-uma-ameaca-a-civilizacao-ocidental.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2019

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A reivindicação dos direitos das mulheres**. 1ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2015.